



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS – IFAM CAMPUS MANAUS CENTRO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



O ENSINO SOBRE DROGAS NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES E DESAFIOS

FERNANDA SILVA DOS PASSOS

MANAUS – AM
2017

FERNANDA SILVA DOS PASSOS

O ENSINO SOBRE DROGAS NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES E DESAFIOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Departamento de Ensino Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Janari Rui Negreiros da Silva

MANAUS-AM
2017

Ficha Catalográfica

Márcia Auzier

CRB 11/597

P289e Passos, Fernanda Silva dos.

O ensino sobre drogas no ensino médio: reflexões e desafios. /
Fernanda Silva dos Passos. – Manaus: IFAM, 2017.
49 f.: il.; 30 cm

Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, 2017.

Orientador: Prof. Me. Janari Rui Negreiros da Silva.

1. Prevenção de drogas. 2. Consumo. I. Silva, Janari Rui Negreiros da
(Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Amazonas III. Título.

CDD 613.8

FERNANDA SILVA DOS PASSOS

O ENSINO SOBRE DROGAS NO ENSINO MÉIO: REFLEXÕES E DESAFIOS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Defendido em: 26.06.2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^o MSc. Janari Rui Negreiros da Silva - Presidente
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Prof^a. MSc. Adriana Enriconi
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Prof^a. Esp. Ioná Pereira Magalhães
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Dedicatória.

Aos meus pais pelo carinho e apoio durante esta caminhada.

RESUMO

O presente estudo tem como tema central o ensino sobre as drogas no ensino médio a partir do desenvolvimento de uma sequência didática consubstanciada em Antoni Zabala (1998). Logo, a intervenção didática proposta tem como objetivo compreender as concepções dos estudantes do ensino médio acerca das drogas lícitas e ilícitas. Neste sentido, desenvolveu-se um plano de aula com o tema “Drogas” a partir da unidade didática dois do referido autor. O estudo foi desenvolvido em uma escola localizada na zona norte de Manaus, com alunos de três turmas do 3º ano do ensino médio no ano de 2015. O estudo utiliza-se da abordagem qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados utilizou-se a observação participante registrado no relatório final do estágio supervisionado, a aplicação de um questionário e do debate realizado no quarto momento da sequência didática. Constatou-se que 63% dos alunos já tiveram contato alguma vez na vida com algum tipo de droga seja lícita ou ilícita. A unidade didática proposta por Zabala (1998) possibilitou ampliar o desenvolvimento dos conhecimentos científicos acerca da temática proposta, apontando possibilidade no ensino de biologia que superasse as abordagens com foco na memorização e reprodução de conhecimento, mas comprometida com a formação social dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Drogas. Ensino Médio. Sequência didática.

ABSTRACT

The present study has as its central theme the teaching on drugs in high school, based on the development of a didactic sequence embodied in Antoni Zabala (1998). Therefore, the proposed pedagogical intervention aims to understand the conceptions of high school students about licit and illicit drugs. In this sense, a lesson plan with the theme "Drugs" was developed from the didactic unit two of the aforementioned author. The study was developed in a school located in the northern part of Manaus, with students from three groups of the third year of high school in the year 2015. The study uses the qualitative approach. As data collection instruments we used the participant observation recorded in the final report of the supervised stage, the application of a questionnaire and the debate held in the fourth moment of the didactic sequence. It was found that 63% of the students have ever had contact in life with any type of drug that is lawful or illegal. The didactic unit proposed by Zabala (1998) made it possible to broaden the development of scientific knowledge about the proposed theme, pointing out the possibility in biology teaching that surpassed the approaches focused on the memory and reproduction of knowledge, but committed to the social formation of individuals.

KEY WORDS: Drugs, High School. Didactic sequence, Zabala

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O USO DAS DROGAS	11
1.1 Breve Histórico	11
1.2 Conceito	13
1.3 Classificação das drogas.	13
1.4 Tipos de Drogas	14
2. AS DROGAS NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO	19
2.1 Drogas na Adolescência.....	19
2.1 Drogas no contexto do Ensino Médio.....	21
3 PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1 Cenário e sujeitos da pesquisa	24
3.2 Abordagem Qualitativa.....	24
3.3 Observação Participante.....	24
3.4 Questionário.....	24
3.5 Sequência Didática (Plano de aula)	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas acontece desde a existência do homem primitivo como uma prática cultural historicamente observada em todas as civilizações (ALVES; CARNEIRO, 2012; BRUSAMARELLO et al, 2008). Deste modo, a função que essas substâncias desempenham e o uso que se faz delas em cada civilização tem-se modificado com o passar dos tempos, ao passo que, de práticas sagradas, as drogas passaram a ser vistas hoje como um problema social e de saúde pública (VARGAS, 2011; BERTONI et al, 2009).

Como aponta Morgado (2010, p. 5) a atual sociedade se depara com um novo perfil de adolescente em que “as drogas [lícitas e ilícitas] fazem parte da vida da maioria dos jovens, e a experimentação e o uso rotineiro destas substâncias crescem de forma consistente a cada ano”. Os motivos que contribuem para esse consumo precoce são diversos, das quais Rodrigues (2010) destaca os fatores familiares, sociais, culturais e econômicos como facilitadores para o acesso a essas substâncias.

Como resultado, inúmeros problemas sociais são acarretados pelos efeitos dessas substâncias como, por exemplo, os acidentes de trânsito, a violência marcada pela ocorrência de brigas e homicídios, a prática de atos ilícitos, alterações físicas e mentais, inclusive prejuízos escolares (DIAS, 2012). O que têm preocupado cada vez mais os pesquisadores, profissionais da saúde e, até mesmo, educadores (LIMA, 2011).

Diante dessa realidade social, a escola não está à parte dos fatos que afligem a sociedade e que, inevitavelmente, acabam adentrando a seus muros. Por isso tal debate não foge do contexto escolar, pois o uso de drogas entre os jovens estudantes está cada vez mais precoce durante a idade escolar (MOREIRA; CARLINI et. al, 2010). Assim sendo, é imprescindível que educadores e responsáveis estejam atentos para os riscos decorrentes do seu uso, não apenas no contexto familiar, mas também no interior da escola, principalmente, com a violência escolar e os problemas na aprendizagem (SOUTO et al, 2012; PRATTA; SANTOS, 2007).

Logo, a reflexão deste tema é de suma importância, pois se trata de uma temática de alta relevância social e educacional. Uma vez que a escola tem sido apontada por diversos estudos (ELICKER, 2015; ABRAMOVAY, 2009; GONÇALVES, 2008; COSTA, 2004) como um espaço promotor para ações socioeducativas para a prevenção dos riscos à saúde

diante dos efeitos e consequências do uso de drogas lícitas ou ilícitas. De modo, a conscientizar os alunos para a adoção de um estilo de vida saudável (SILVA, 2010).

Diante do contexto exposto, desenvolveu-se a partir da prática educativa de Antoni Zabala, uma sequência didática, especificamente, a unidade didática dois, tendo como tema as Drogas. Com o intuito de compreender as concepções dos estudantes do ensino médio acerca das drogas lícitas e ilícitas.

O presente estudo se constitui de quatro capítulos. No primeiro capítulo levanta-se a fundamentação teórica sobre as drogas. Inicia-se apresentando um breve histórico, em seguida, conceituando as drogas, elencando seus tipos e conceitos. Posteriormente, no segundo capítulo, tem-se a discussão da influência das drogas na aprendizagem dos estudantes no ensino médio. No capítulo três é descrito a metodologia e os procedimentos didáticos trabalhados nesta pesquisa. No capítulo quatro, relata-se o processo pedagógico vivido a partir do roteiro elaborado e, conseqüentemente, discutem-se os resultados alcançados nesse processo.

1 O USO DAS DROGAS

1.1 Breve Histórico

O consumo de drogas é observado nas diferentes civilizações e de variadas formas ao longo da história da humanidade. Suas finalidades mais comuns eram rituais religiosos para comunicação com os deuses, remédio para o alívio da dor e da cura de doenças, a busca por prazer e poder, moeda de troca entre os impérios coloniais, festivos, terapêuticos entre outros. Logo, o que muda em cada momento histórico são as questões conceituais, culturais, morais, sociais, ou seja, as drogas socialmente toleráveis e aquelas nocivas à sociedade. (DIAS, 2012; VARGAS, 2011; BERTONI et al, 2009; BRUSAMARELLO et al, 2008; NUNES; JÓLLUSKIN, 2007).

Há 250 mil anos o homem pré-histórico já consumia bebidas fermentadas. Como exemplo, o *Homo erectus* que durante suas caçadas arriscadas usava uma planta chamada ajendo do qual era produzido um líquido embriagante, para suportar os longos períodos de caça (SILVA, 2010).

Os primeiros vestígios do uso da maconha datam mais de 5.000 anos com os povos chineses e persas, que utilizavam como incenso em ritos religiosos. (FRANCISQUINHO; FREITAS, 2008). A migração da planta para o continente americano se deu em 1606, no Canadá, quando os primeiros colonizadores usavam sua fibra. A droga chegou à América do Sul em 1554 com os espanhóis plantando primeiramente na Argentina e no Peru, posteriormente no Brasil trazida pelos escravos (QUEIROZ, 2008).

Nas tábuas dos Sumérios confeccionadas aproximadamente há 4.000 anos antes de Cristo já continha símbolos do uso da papoula da qual é extraído o ópio, uma droga com efeitos alucinógenos. Foram os primeiros povos a usarem ópio e utilizavam principalmente para diminuir o choro das crianças e no tratamento das diarreias (SILVA, 2010). Suas propriedades medicinais foram confirmadas pelos estudos de Hipócrates e Aristóteles, com a conclusão de que o ópio possuía propriedade calmante (DIAS, 2012)

Os primeiros vestígios de utilização da folha de coca, matéria prima da cocaína, datam há pelo menos 3.000 anos a.C. Quando os povos da região andina da América do Sul mascavam a folha de coca “para saciar a fome, aumentar o desempenho físico, curar doenças, e ainda como anestésico dentário” (FRANCISQUINHO; FREITAS, 2008, p.12).

Na cultura egípcia, grega e romana, o uso de bebidas alcoólicas estava arraigado a estas culturas, não apenas nos rituais religiosos que proporcionavam um estado alterado de

consciência, mas, nas práticas sociais como festas, bodas, vitórias, datas comemorativas, jogos e todo tipo de manifestação de confraternização e que se difundiram também para outros povos (SILVA, 2010).

Além disso, os gregos deixaram um conceito basilar do que seria a droga através da palavra *phármakon*. Para eles, a expressão *phármakon* indica um composto que naturalmente incorpora em si um potencial de cura ou de ameaça. E o que faz assumir um ou outro efeito no organismo é a proporção de sua dose que pode ser curativa ou mortífera (ESCOHOTADO, 2007; SILVA, 2010).

Durante a sociedade medieval, a Igreja exercia sua hegemonia ideológica e cultural, estabelecendo normas e comportamentos. Nesta etapa da história, o uso de substâncias psicoativas, com exceção do álcool, era restrito e combatido até mesmo no uso terapêutico. As pessoas que conheciam os efeitos psicoativos de plantas e colocavam em prática o seu uso, eram denominadas bruxas. E, portanto, passaram a ser consideradas infiéis aos ideais cristãos sendo mortas ou silenciadas pela inquisição, para não pôr em risco o poder dominante exercido na época (AVELINO, 2010).

Mais adiante, as grandes navegações marítimas possibilitaram maior contato entre os continentes e o descobrimento de novos costumes, produtos e substâncias (NUNES, 2007). Conseqüentemente, facilitando o intercâmbio das drogas seja para prazer, remédio seja para fins lucrativos. O seu consumo era um privilégio de poucos, marcado pela “excentricidade, aliada ao luxo e à busca de diferenciação por parte das elites mais cultas e preparadas” (NUNES, 2007, p.12) como poetas, artistas plásticos e figuras bem-aventuradas da elite burguesa europeia.

Com a Revolução Industrial e a expansão do Capitalismo houve a disseminação e grande consumo de ópio, álcool, cigarro e de medicação injetável. A partir do século XVIII o consumo de substâncias psicoativas vai tomando proporções preocupantes, principalmente “com a industrialização, o surgimento da farmacologia, o isolamento de princípios ativos de plantas (como a morfina e a cocaína)” (COSTA, 2004, p.12) associadas e ampliadas pelas prescrições médicas, e problemas sociais causados pelo consumo excessivo do álcool (SILVA, 2010).

Com o decorrer dos anos em meados do século XX diversas drogas foram descobertas, como o LSD, Ecstasy, Crack, muitas sintetizadas em laboratórios. Esta grande diversidade de drogas naturais e sintéticas ampliou as diversas formas de uso podendo ser: inalada; ingerida; injetada ou absorvida pela pele; provocando alterações no funcionamento do organismo (FRANCISQUINHOS; FREITAS, 2008).

Percebe-se, então, que a história das drogas está contida na evolução da humanidade e a função que essas drogas desempenham e o modo como são utilizadas em cada cultura, tem-se modificado com o passar dos tempos. De modo que, de práticas sagradas as drogas passaram a ser vistas na contemporaneidade como um problema social (VARGAS, 2011).

1.2 Conceito

Há diferentes conceitos que podem descrever a palavra droga. Primeiramente, “o termo droga teve origem na palavra droog (holandês antigo) que significa folha seca; isto porque antigamente quase todos os medicamentos eram feitas à base de vegetais” (CEBRID, 2017)¹. De acordo com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, droga é “qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamentos” (SENAD, 2004, p. 7). Costa (2016, p.1) define droga como “toda e qualquer substância, natural ou sintética que, introduzida no organismo modifica suas funções”. Corroborando ainda com a conceituação Brussamarello et. al (2008, p.7) apresenta a acepção genérica “da linguagem comum da palavra droga, que assume significado mais abrangente e se estendendo para o sentido de coisa ruim, sem qualidade, que faz mal a saúde”. Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS), droga pode ser qualquer substância química ou mistura delas que alteram a função biológica do indivíduo.

Neste estudo serão utilizados os termos drogas, substâncias psicoativas, substâncias psicoestimulantes ou substâncias psicotrópicas como sinônimas.

1.3 Classificação das drogas.

De acordo com Silva (2010) as drogas são classificadas conforme a sua composição e a reação (efeitos) provocada no organismo humano, existem três tipos:

a) Os estimulantes: são substâncias que aceleram a atividade do cérebro, produzindo excitação, é o caso da anfetamina, cocaína, tabaco, crack, cafeína etc.

b) As perturbadoras: são aquelas que alteram a atividade do cérebro, fazendo com que a pessoa fique mentalmente perturbada, provocam uma visão distorcida da realidade (alucinógenos). Exemplos: mescalina, maconha (THC), cogumelo, LSD, Ecstasy, anticolinérgicos etc.

¹ Site: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **O que são drogas psicotrópicas.** Disponível em < http://www2.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/folhetos/drogas_.htm>. Acesso em 24 out 2016

c) As depressoras: são substâncias que deprimem o funcionamento do Sistema Nervoso Central, e em geral causam depressão: Álcool, tranquilizantes, morfina, opiáceos, heroína, inalantes ou solventes, barbitúricos, ansiolíticos etc.

Quanto à forma de produção (GOIS; AMARAL, 2010), classificam-se em:

a) Naturais - aquelas que são extraídas de plantas. Exemplos: tabaco, cannabis, ópio.

b) Semissintéticas - são produzidas através de modificações em drogas naturais. Exemplos: crack, cocaína, heroína.

c) Sintéticas - são produzidas através de componentes ativos não encontrados na natureza. Exemplos: anfetamina, anabolizante.

Além disso, podem ser classificadas conforme o contexto jurídico sendo lícitas, semi-lícitas ou ilícitas (NÓBREGA, 2007):

a) Drogas lícitas: são aquelas que podem ser livremente obtidas, como o álcool e o tabaco.

b) Semi-lícitas: são aquelas submetidas a certas restrições, como certos remédios, por isso, vendidas apenas com receita médica especial.

c) Drogas ilícitas: são aquelas proibidas por lei.

No Brasil, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, por meio da Portaria nº 344/98 da Lista F de substâncias do ANEXO I, distingue quais as drogas são consideradas ilícitas. Logo, é dessa portaria que a Lei de Drogas de 2006 se vale para definir para quais as substâncias que se aplicam seus tipos penais (VARGAS, 2011).

1.4 Tipos de Drogas

Abaixo estão descritas as drogas mais consumidas por estudantes do Ensino Fundamental (a partir do 6º ano) e Médio das redes públicas e privadas de ensino nas 27 capitais brasileiras, segundo dados do VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas 2010, realizado em 2010 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID).

- Álcool

O álcool é uma bebida produzida a partir da fermentação ou destilação da glicose, encontrada em cereais, raízes e frutas (MARQUES; RIBEIRO, 2006). Apesar de atuar, inicialmente, como estimulante dos processos físicos e mentais em pequenas doses (GOIS;

AMARAL, 2010), porém, é substancialmente diferente. Trata-se de uma substância de efeito depressor do sistema nervoso central prejudicando as capacidades psicofisiológicas (GONÇALVES, 2008) quando consumida em grandes quantidades.

Além disso, tem ação tóxica direta sobre diversos órgãos, pois o álcool passa a circular pela corrente sanguínea atingindo os vários órgãos como o estômago (úlceras), fígado (cirrose), pâncreas (pancreatite), e o bloqueio do funcionamento da área do SNC etc. O consumo de grandes quantidades pode levar ao coma alcoólico, com depressão respiratória e possibilidade de lesões cerebrais irreversíveis e morte.

Marques e Ribeiro (2006) assinalam ainda que estudantes do ensino fundamental e a grande parte do ensino médio experimentam bebidas alcoólicas antes de concluírem esta fase da vida. Diante disso, “o álcool (ao lado do tabaco) merece maior atenção por parte dos educadores e outros profissionais” (p.48), pois é a porta de entrada para outras drogas consideradas ilícitas (ABROMOVAY, 2005).

- Tabaco

O tabaco é uma planta pertencente à família das solanáceas possuindo diversas espécies entre as quais se destaca a *Nicotina tabacum L.* A planta é originária do continente americano, apresenta folhas verdes, ovais, oblongas e sésseis, pode atingir 1,5 metros de porte produzindo frutos ovoides (GONÇALVES, 2008).

O consumo em longo prazo provoca inflamação dos brônquios, avançando para bronquite crônica e mais tarde em enfisema, menor resistência física, cancro do pulmão, do estômago e da boca, doenças cardiovasculares, úlceras digestivas e risco de aborto espontâneo. Diminui o aumento de peso e de apetite.

O tabagismo ainda é um dos maiores problemas de saúde a nível internacional. O hábito de fumar inicia na adolescência devido à influência de amigos para experimentar e usar cigarros. E quanto mais precoce seu uso, mais grave ficará a dependência e os problemas a ele associados (BRASIL, 2010; MARQUES; RIBEIRO, 2006).

- Maconha

A maconha também designada por *Cannabis sativa* é uma planta que possui geralmente uma altura de 1,5 a 2m (CASSIMIRO, 2009). A maconha é uma substância de cor esverdeada ou acastanhada parecida com o tabaco, é a principal droga ilícita utilizada no Brasil, com cerca de 10% dos adolescentes fazendo uso regular. Possui aproximadamente 400

substâncias químicas, dentre as quais se destacam 60 alcaloides conhecidos como canabinóides (MARQUES; RIBEIRO, 2006). O principal componente psicoativo da planta é o ácido delta-9-tetraidrocanabinol ou THC, responsável pelos efeitos da planta. (FIOCRUZ, 2016).

De acordo com SENAD (2011) os efeitos do uso dessa substância podem variar entre os usuários, alguns ao consumirem a maconha, “sentem-se relaxados, falam bastante, riem à toa. Outros se sentem ansiosos, amedrontados e confusos. A mesma pessoa pode de um uso para outro, experimentar efeitos diferentes” (p.16).

- Ansiolíticos

Os benzodiazepínicos ou ansiolíticos são drogas consumida para minimizar a ansiedade e a tensão. Estas drogas são muito frequentes no dia a dia por serem administrados por recomendação médica ou por membros da família ou amigos que a consomem sem essa orientação. Estima-se que 50 milhões de pessoas façam uso diário de benzodiazepínicos (BZD) (MARQUES; RIBEIRO, 2006) que são sedativos, sintéticos e lícitos sob prescrição médica controlada, como: Bromazepam, Diazepam, Alprazolam, Clonazepam.

São drogas que diante do mau uso por parte dos pacientes podem causar dependência física, psíquica e tolerância, devido aos sintomas antagônicos provocados por essas substâncias no tratamento da ansiedade. Gois & Amaral (2010) destaca a sonolência excessiva, piora na coordenação motora fina, lentidão dos movimentos, piora da memória, quedas e fraturas, etc.

- Anfetaminas

As anfetaminas são drogas sintéticas derivadas do amoníaco (NH₃), obtidas pela substituição de um ou mais átomos de hidrogênio (H) por radicais orgânicos (GONÇALVES, 2008). Foram os primeiros estimulantes desenvolvidos em laboratório e administrados para o tratamento de problemas do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade durante a década de 30 (THDA) (MARQUES; RIBEIRO, 2006). “No Brasil, essas substâncias foram comercializadas por muito tempo como drogas de escolha para o tratamento da obesidade” (MARCON et al, 2012, p.249).

As anfetaminas reduzem o sono e o apetite, conseqüentemente, o usuário fica em um estado de excitação constante. Após o efeito apresenta sintomas, como: ansiedade, agitação, pesadelos, redução da energia, lentificação, angústia, medo, pânico, sentimento de

perseguição, inconstância e inquietações físicas. Além disso, o uso frequente leva a tolerância e dependência (GOIS, AMARAL, 2008; MARQUES; RIBEIRO, 2006).

Dentre os usuários comuns de anfetamina, Marcon et al (2012) aponta os estudantes que fazem o uso para aperfeiçoar o desempenho cognitivo; os motoristas com intuito de se manter em estado de vigília; os frequentadores de raves; os jovens adolescentes preocupados por sua forma física, até porque são substâncias que apresentam efeito anorexígeno (supressor do apetite); os profissionais das artes, pois alguns derivados anfetamínicos favorecem a liberação das ideias contribuindo para ampliação da criatividade.

- Inalantes

Podem ser produtos industriais, combustíveis ou de limpeza que contenham substâncias voláteis, como: cola, éter, gasolina, acetona, vernizes, esmaltes, tintas, removedores, fixador de cabelos, etc. Estima-se que 6% dos brasileiros já inalaram qualquer produto solvente ou inalante. De modo geral, apresenta-se como a primeira droga usada por jovens, depois de álcool e tabaco (BRASIL, 2011).

- Ecstasy

O Ecstasy é um estimulante psicoativo concebido em laboratórios clandestinos e comercializado em comprimido, pó ou cápsula de cores diversas. É uma droga sintética proveniente da anfetamina e seu produto é o 3,4 metilenodioximetanfetamina (MDMA) ou mais comumente conhecido por ecstasy (GONÇALVES, 2008).

Essa substância foi produzida pela primeira vez na Alemanha em 1912 durante a primeira guerra mundial e seu uso utilizado em larga escala para aumentar o tempo de permanência dos soldados nos conflitos através da redução do apetite (VIANA, 2002).

Os sintomas verificados, são: secura da boca, diminuição do apetite, taquicardia, dificuldade de caminhar, vontade de urinar, tremores, depressão, alucinação, ataques de pânico, dificuldade de memória e de tomada decisões, entre outros (FRANCISQUINHO; FREITAS, 2008).

- Cocaína

A cocaína, bastante difundida no Peru e Bolívia em forma de chá, é um alcaloide obtido das folhas da planta *Erythroxylon coca*. Atualmente é consumida sob diversas formas, sendo uma delas na forma de um sal, o cloridrato de cocaína, um pó fino de cor branca ou

esbranquiçada, que atua como forte estimulante (ALVES; CARNEIRO, 2012). Afeta o sistema nervoso central após ser absorvida pela mucosa nasal ao ser inalada, pelas vilosidades intestinais quando ingerida ou pelos capilares pulmonares ao ser fumada (MARQUES; RIBEIRO, 2006). Alguns dos seus efeitos são “grande força muscular, alerta, euforia, alucinações visuais, auditivas e tácteis, ideias de perseguição, perda do apetite, emagrecimento, insônia, intensa dependência” (GOIS; AMARAL, 2010, p.18) quando ficam sem ela.

No Brasil o consumo de cocaína varia de acordo com sexo e idade sendo 5,4% entre homens e 1,2% entre mulheres. A faixa etária de maior uso incide entre 25 e 34 anos de idade, na qual atinge a porcentagem de 5,2%. Entre os adolescentes de 12 a 17 anos, 0,5% relatam já terem experimentado essa droga. (SENAD, 2011).

- Crack

O crack é uma substância derivada da cocaína em pó, processada com amoníaco ou bicarbonato de sódio, e comercializada na forma de pedras porosas (UNODC, 2017). Os efeitos associados ao seu uso e vício são idênticos aos da cocaína em pó. Como por exemplo, euforia, depressão, hiperatividade, insônia, perda de peso, desnutrição e um comportamento muito agressivo (FRANCISQUINHO; FREITAS, 2008). Além disso, “há sintomas físicos, como: rachaduras nos lábios pela falta de ingestão de água e de salivação, cortes e queimaduras nos dedos das mãos e às vezes no nariz, provocados pelo ato de quebrar e acender a pedra (UNODC, 2017, p.6).

2. AS DROGAS NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO

As drogas estão presentes em todos os setores da sociedade, inclusive no âmbito escolar. E a escola como parte integrante da sociedade também se torna palco para o debate dos diversos problemas sociais que se apresentam. Sendo assim, constitui-se em “um espaço social adequado e propício para desenvolver a problematização do tema, discutindo e elaborando estratégias de informação, orientação e intervenção para uma educação preventiva” (OLIVEIRA, 2002, p.15) com a participação dos estudantes, pais, docentes e a comunidade escolar em geral.

2.1 Drogas na Adolescência

Na atual sociedade, o consumo de drogas lícitas ou ilícitas está cada vez mais presente, precocemente, na vida dos adolescentes (MORGADO, 2010). De acordo com os estudos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas:

[...] a adolescência é a fase da vida em que, em virtude da maior exposição e vulnerabilidade aos efeitos nocivos resultantes do uso de substâncias psicoativas (sejam elas ilícitas, como a maconha e a cocaína, ou lícitas, como o álcool), a experimentação destas torna-se um fenômeno mais frequente e, eventualmente, definem-se padrões de consumo repetitivo, que podem estar associados a diferentes riscos e danos [...] (CEBRID, 2010, p. 1350)

Frente a todas as mudanças físicas, psicológicas, emocionais e comportamentais (DIAS, 2012) que estão passando é difícil para o jovem coordenar tudo o que está acontecendo devido às características próprias desse período de vida (COSTA, 2004). Sendo assim, tornam-se vulneráveis, pois encontram nas drogas uma oportunidade para fugir de uma realidade adversa, na busca pela própria identidade (BRUSAMARELLO, 2008), da autonomia, diferenciar-se de seus pais (WAGNER, 2007), da necessidade de pertencer a um grupo social (SILVA, 2010), aumentar seu prazer e autoestima (SANCEVERINO, 2004), para atingir de imediato seus fins ou, até mesmo, experimentá-las por curiosidade.

Percebe-se que os motivos que predisõem os jovens ao envolvimento com substâncias psicoativas são diversos e complexos, decorrentes de fatores internos e externos. Tais como a construção da própria identidade, família, amigos, pressão social, cultural, econômica, influência da mídia, entre outros. Consequentemente, tornando-se facilitadores para o acesso a essas substâncias, pois o seu consumo elimina todos os sentimentos ruins, sem

a necessidade de grandes esforços (ELICKE; PIAI, 2015; BRUSAMARELLO et al; RODRIGUES, 2010; ALBERTANI et. al, 2009;).

Segundo Pratta e Santos (2007, p.253) o adolescente nessa etapa do desenvolvimento humano “passa por momentos de desequilíbrios e instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado, incompreendido” pelas pessoas mais próximas do seu convívio familiar e social. Esta transição da infância para juventude social também é caracterizada pela construção e constituição da personalidade, pelo egocentrismo, inserção social e choque de valores, conflitos familiares, início da vida sexual (GONÇALVES; ALVES, 2008).

Tais mudanças tornam o adolescente mais vulnerável do ponto de vista psicológico e social (SILVA et al, 2010). Santos et al (2008, p.48) explica que os adolescentes não possuem opiniões próprias e bem formadas e, por isso, acabam “aceitando facilmente a vontade de outras pessoas além de terem o hábito de imitarem os costumes daqueles indivíduos com os quais convivem ou aos quais admiram”. Em virtude disso, sujeitos a qualquer tipo de drogas.

A família sendo primeira instituição social é responsável pela constituição do indivíduo, da personalidade, do comportamento (PRATTA; SANTOS, 2007) e do estilo de vida dos adolescentes (ROEHRHS, 2008). Nessa linha, a própria cultura familiar, principalmente, os padrões e os comportamentos dos pais são um provável fator de interferência no comportamento dos filhos, como exemplo, famílias que fazem uso de drogas como o álcool e o tabaco. Esse contato dos adolescentes com essas substâncias fica facilitado, possibilitando a primeira experiência de consumo de bebidas alcoólicas e de cigarros (ABROMOVAY, 2005). Além disso, a aceitação dos pais para o consumo destas drogas faz acreditar em sua utilização a ideia de rito de passagem para a vida adulta (CAVALCANTE, 2008). Silva et al (2010) também destaca que traumas familiares, separações, brigas e agressões nesse espaço contribuem para que os adolescentes façam o consumo de substâncias psicoativas. Recorrendo, posteriormente, as drogas ilícitas na tentativa de buscar outras emoções ou fugir de seus problemas (SANCEVERINO; ABREU, 2003)

É também nessa fase de transformação do jovem até a idade adulta, que o adolescente busca se identificar com um grupo específico, passando a pertencer a este (SILVA, 2010). De tal modo, que o grupo de amigos passa a ser o principal grupo social e os pais percam um pouco o controle sobre os filhos, que buscam a imagem adulta (CAVALCANTE, 2008). Nesta tentativa de se diferenciar dos adultos e adquirir uma nova identidade, fica exposto ao perigo e a caminhos distorcidos, como o da drogadição (BRUSAMARELLO, 2010). Conforme Cavalcante (2008, p. 556) essa relação “terá a capacidade de influenciar suas ações

e fará com que adote atitudes as quais serão a prova de sua aceitação na “tribo”. Ou seja, se o grupo consome drogas (lícitas ou ilícitas), dificilmente o jovem que anseia a aceitação do grupo não utilizará também (COSTA, 2004). Além disso, Silva et al (2010) acrescenta ainda a pressão social devido, também, a disponibilidade e a presença de drogas na comunidade de convivência, que tem sua oferta e acesso naturalizado.

Outro fator, diz respeito aos meios de comunicação na veiculação de propagandas sobre bebidas e cigarros (drogas lícitas), não havendo uma adequada abordagem quanto às possíveis consequências (RODRIGUES, 2010). Principalmente, quando as mídias televisionadas associam o consumo de bebidas alcoólicas com momentos de diversão, aventura, charme, felicidade, sucesso profissional, ótimo desempenho esportivo e aceitação social (ALBERTANI, 2013). Pinsky (2008) contribui com o diálogo dizendo que as estratégias de publicidade são bem-sucedidas pela correlação direta do consumo do produto com o conteúdo emocional a partir da criação de memórias afetivas positivas, essenciais no processo de tomada de decisões.

Diante da influência da mídia na sociedade contemporânea, torna-se fundamental que o indivíduo analise criticamente os conteúdos veiculados pelas propagandas, para desmitificar os estereótipos criados (GORGULHO, 2006) como uma verdade absoluta para a massa da população brasileira. Aliás, a mídia não tem se posicionado criticamente ao tratar o uso de drogas nos seus noticiários denunciando os usuários de drogas ilícitas como os responsáveis pelos males existentes na sociedade (ALBERTANI, 2013). Quando na verdade deixam de informar que os maiores problemas com drogas, no nosso país, ainda são decorrentes do consumo de álcool e tabaco (NEAD, 2005).

Acerca do consumo precoce das drogas pelos adolescentes, Abramovay (2005, p.14) conclui em dizer que “a proximidade ou distância, o diálogo, a presença ou ausência dos pais, a proibição ou a permissividade são fatores que influenciam os jovens na definição de sua escala de valores e formas de inserção social”.

2.1 Drogas no contexto do Ensino Médio

No âmbito escolar, o uso de drogas pelos adolescentes tem gerado implicações no desempenho escolar e, até mesmo, a cometerem delitos mais sérios (CARLINI et al., 2010). Corroborando com essa questão Nogueira (2013, p.2) relata ainda que estudantes “[...] são envolvidos com o tráfico e utilizam a escola para distribuição das mais variadas drogas, de modo que a circulação e uso ocorrem sem a preocupação com a presença de professores e

câmeras dispostas nas salas e corredores”. Conforme este autor, a escola tornou-se cenário dos mais diferentes tipos de violência, e lugar de insegurança aos agentes envolvidos. E que sofrem com furtos, vandalismo, ameaças, e brigas entre grupo de bandidos (traficantes, assaltantes e ladrões) que tem como seus integrantes, alunos usuários de drogas como a maconha, crack, tabaco e o álcool. Sendo o último, a porta de entrada para o início do consumo de outras drogas mais prejudiciais que interferem na memória e na aprendizagem (LEITE, 2015; RODRIGO; NOGUEIRA, 2013; SOUTO et al, 2012).

As consequências das drogas na aprendizagem dos estudantes estão relacionadas às áreas psicológicas, cognitivas e comportamentais. Rodrigues (2013, p. 176) explica, que:

“O uso frequente de drogas psicoativas afeta diretamente a cognição, causando prejuízos na capacidade de processar novas informações. Altera a capacidade de concentração, memorização, a capacidade de julgamento e o humor, causando problemas comportamentais que causam a deterioração dos relacionamentos interpessoais” (RODRIGUES, 2013, p.176)

Pesquisadores têm evidenciado um aumento da agressividade e violência devido às consequências do uso de drogas no contexto escolar (ELICKER, 2015). Segundo o autor, o consumo abusivo de drogas psicotrópicas retroalimenta a violência, e “[...] os jovens que fazem esse uso apresentam maior agressividade, estão menos predispostos ao estudo e são mais desatentos” (ELICKER, 2015, p. 400). Em decorrência dessas circunstâncias, os docentes encontram dificuldades para ensinar, diante da falta de interesse dos alunos nas atividades, distrações durante as aulas e agressões físicas e verbais, o que compromete o próprio desempenho acadêmico e o desenvolvimento de um bom trabalho pelos professores (NOGUEIRA, 2013). Tal situação tem gerado desconforto entre os educadores e demais profissionais que enfrentam dificuldades para manter o respeito, a ordem e a disciplina nesse ambiente social que deveria promover o mínimo de proteção, bem-estar, respeito às regras e valores para o seu bom funcionamento.

Mediante tais fatos, uma das maneiras de evitar o consumo precoce é a prevenção a partir da educação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino reforçam dizendo que “o discernimento no uso de drogas está diretamente relacionado à formação e às vivências afetivas e sociais de crianças e jovens, inclusive no âmbito escolar” (BRASIL, 1998, p.271). Assim, contribuirá para que os educandos possam analisar o que é bom ou não para si, e posicionar-se de maneira responsável e crítica nas diferentes situações da realidade social sem colocar em risco a vida de outras pessoas. Tavares (2001) reforça dizendo:

Tendo em vista que quase toda a população passa pela escola em idade e circunstâncias bastante favoráveis à assimilação de novos hábitos e conhecimentos, a escola torna-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento de programas preventivos, sendo recomendável o estabelecimento de políticas neste sentido (TAVARES, 2001, p.157).

Desta forma, a escola se torna um ambiente propício para ações socioeducativas por meio da orientação, discussão, reflexão deste tema. E assim, alertando os adolescentes escolares para as implicações no consumo das drogas e conscientiza-los para a adoção de um estilo de vida saudável (SILVA, 2010). Contudo, Rosa (2010) chama atenção para as famílias, porque a prevenção necessita começar, primeiro, dentro de casa a partir dos ensinamentos dos valores éticos e morais aos filhos. Além disso, os pais necessitam acompanhar a conduta dos filhos dentro e fora da escola, as frequências nas aulas, a realização das atividades, a relação com professores e colegas, ou seja, é preciso estar a par da situação. Se a família cumpre com seu papel estará colaborando com o bom andamento escolar do aluno.

Seguidamente a escola, quando na ausência de diálogo ente pais e filhos, ou até mesmo de famílias não estruturadas, há de considerar que em muitos casos crianças e jovens não possuem a presença do pai ou da mãe, ou de ambos, caberá à escola promover essa prevenção.

Por fim, cabe ressaltar que a escola não é a redentora de todos os problemas sociais, o que requer o comprometimento de toda comunidade escolar com o intuito de combater, as drogas e a violência escolar.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Cenário e sujeitos da pesquisa

O presente estudo ocorreu no ano de 2015, durante o Estágio Curricular Supervisionado, na Escola Estadual Professora Sebastiana Braga, localizada na zona norte de Manaus, na Avenida Timbiras s/n no Bairro Cidade Nova II. A investigação foi desenvolvida com estudantes de três turmas do 3º ano do ensino médio, totalizando 60 indivíduos.

3.2 Abordagem Qualitativa

Nesta pesquisa, a abordagem utilizada é qualitativa, pois se pretende “analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.” (MARCONI, 2011, p.269).

3.3 Observação Participante

A observação participante consistiu na interação do investigador com o grupo observado, vivenciando o cotidiano dos sujeitos para perceber o contexto ou uma situação específica do grupo (MARCONI, 2011). Registrou-se a observação participante no Relatório Final do Estágio Curricular Supervisionado.

3.4 Questionário

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário composto por perguntas abertas e fechadas com 19 questões, de onde se retirou alguns pontos apontados pelo estudo do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2010) como o perfil dos estudantes, a experimentação precoce, influências de amigos ou familiares, a compreensão sobre as drogas, entre outros. Além disso, o questionário continha um quadro listando as substâncias psicoativas mais consumidas pelos estudantes durante o Ensino Médio, na qual os alunos entrevistados iriam apontar quais destas haviam consumido alguma vez na vida e nos últimos trinta dias. E assim, comparar os dados obtidos com a literatura. Vale ressaltar que a aplicação do questionário foi realizada antes da intervenção educativa.

3.5 Sequência Didática (Plano de aula)

A sequência didática foi elaborada segundo a proposta por Zabala (1998), organizada em quatro momentos que vão da apresentação do tema aos alunos até a avaliação da temática trabalhada tendo em vista a interação dos alunos.

1º. Momento: apresentação do tema a ser trabalhado.

A apresentação do tema permitiu saber quais conhecimentos os alunos possuem a respeito do tema em questão. Sendo assim, durante o primeiro momento, a aula expositiva dialogada se iniciou por meio do registro escrito quanto a seguinte questão problema “O que são drogas?”. Com esta atividade buscou-se refletir sobre o conceito geral dos estudantes quanto à temática proposta por meio de uma situação conflitante e resolvido com os conhecimentos prévios que os alunos têm sobre o tema proposto.

Nas atividades posteriores de aplicação, aprofundou-se os conceitos trabalhados. No entanto, a ressalva que se pode fazer está relacionada com o grau de participação dos estudantes na elaboração do conceito, especialmente com os que apresentam mais dificuldades.

2º. Momento: Estudo do tema

Nesse momento, elaborou-se uma aula sobre Drogas. Apresentou-se um breve histórico a partir de imagens, seguido da elaboração do conceito, os tipos de drogas existentes, os efeitos biológicos e suas consequências. Além disso, para possibilitar que os alunos compreendam e sistematizem o novo conhecimento foram exibidos dois vídeos de curta duração do *YouTube*. O primeiro com o título “Proteger é preciso: prevenção ao uso de drogas” tem duração de 04 minutos e 10 segundos, e narra a história de uma adolescente que se envolveu com drogas e, ao mesmo tempo, apresentam conceitos e dados referentes à temática. O segundo vídeo é do Conselho Federal de Psicologia intitulado “Drogas e Cidadania” com duração de 05 minutos e 46 segundos, apresenta estatística do Relatório Brasileiro sobre Drogas do ano de 2010 e ações do governo e da saúde para o tratamento de pessoas usuárias de drogas, bem como as dificuldades nesse processo. Nesse momento, é fundamental permitir que participem ativamente da aula, propondo soluções aos questionamentos feitos, mesmo que ainda de modo provisório.

3º. Momento: elaborar uma atividade do tema

Tomando como base a perspectiva inicial dos conceitos levantados pelos alunos no primeiro momento em relação ao conceito sobre drogas. Durante a apresentação do conteúdo, realizou-se uma atividade referente à classificação das drogas, em: psicotrópicas, depressoras, estimulantes e perturbadoras, de acordo com a atividade que exercem sobre o cérebro e o corpo.

4º. Momento: avaliação

O processo percorrido pelo aluno e sua participação, já é uma forma de avaliação. No entanto, como momento específico de avaliação, foi a realização de um debate. Em cada turma, os estudantes formaram dois grupos na sala de aula e, desafiou-se os estudantes a desenvolverem argumentos a favor ou contra a legalização do uso de drogas no Brasil. Além disso, foram coletadas o posicionamento dos estudantes através de respostas identificadas apenas como “sim” a favor e “não” sendo contra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o primeiro momento ao serem questionados sobre “O que são drogas?”, percebeu-se que os estudantes tiveram dificuldades em responder à questão-problema, de modo que apresentaram concepções superficiais. Foram coletados 60 registros escritos, 20 da turma 3º1, 21 da turma 3º2 e 19 da turma 3º3. Pode-se destacar dentre o coletivo de participantes alguns registros transcritos literalmente a seguir:

E1: “É algo que em alguns casos pode ser usado para remédios, porém em quantidades excessivas acaba com a vida da pessoa”.

E2: “Drogas é algo capaz de destruir a vida das pessoas, de influenciar para maus hábitos”.

E3: “A droga é muito ruim, pois prejudica a vida das pessoas”.

E4: “Drogas, algo trouxe benefícios em forma de remédio, porém seu consumo indevido, causa efeito negativo no usuário e na sociedade”.

E5: “É um mau para a humanidade”.

E6: “São coisas que podem destruir a vida de uma pessoa, e faz-la perder o melhor da vida por causa da dependência”.

E7: “As drogas simplesmente são um meio pra algumas pessoas a ajudarem a acalmar ou aliviar os problemas, mais no uso píram”.

E8: “Um produto que acaba e destrói muitas vidas”

E9: “É algo que acaba com a vida dos jovens que causa dependência e levar a criminalidade”.

E10: “Acho que as drogas são um “santo remédio” para quem tá com problemas”.

Embora os estudantes tenham apresentado uma concepção pouco elaborada e de senso comum a respeito do tema, observa-se pelo registro que as ideias apresentadas fazem parte da sua prática social, ou seja, estabeleceram o conceito advindo das conexões com o cotidiano. Nesse sentido, a partir desse momento preparatório, caberia ao docente a função de, na prática pedagógica, “aprofundar e enriquecer essas concepções, ou ratificá-las, esclarecer as contradições, dando um novo significado aos termos de uso diário” (GASPARIN, 2009, p.18). Isso permite que aprendizagem aconteça, pois mobiliza os alunos a articularem os

conhecimentos que já possuem com os novos conhecimentos que irão adquirir, evitando o distanciamento entre suas inquietações e os conteúdos escolares.

Para Zabala (1998) esse processo de interrogar o senso comum é fundamental para verificar o que os estudantes sabem sobre os conteúdos conceituais e os factuais (conhecimentos dos fatos). Para o autor uma atividade simples como papel e lápis possibilita conhecer este saber ao expressar por escrito o conhecimento que se tem, mesmo com as dificuldades demonstradas anteriormente, ainda assim é possível ter acesso aos conhecimentos prévios dos alunos.

Durante o segundo momento da sequência didática fez-se a abordagem do conteúdo escolar sobre a temática segundo a tipologia dos conteúdos apresentados por Zabala (1998) sendo eles o conceitual, procedimental, factual e atitudinal. O conceitual iniciou-se com a elaboração prévia do conceito pelos estudantes no decorrer do primeiro momento e reelaborado com o conhecimento escolar com a apresentação do conteúdo. Isso é importante, para que o aluno não apenas reproduza o seu conceito, mas saiba “utilizá-lo para a interpretação, compreensão ou exposição de um fenômeno ou situação; quando é capaz de situar os fatos, objetos ou situações concretas naquele conceito que os inclui” (p.43). No procedimental, os estudantes realizaram o preenchimento do quadro síntese sobre a classificação das drogas, efeitos, características, etc. exibido no quadro branco. Conforme Zabala (1998, p. 43) “são conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, fazer gráficos e tabelas, propor estratégias para resolução de problemas, etc.” Para o autor, “a realização das ações que compõem o procedimento ou a estratégia é o ponto de partida” (p.44).

No factual, retrataram-se as drogas na cidadania a partir dos vídeos para que percebessem que os conteúdos escolares não estão além da vida cotidiana. Isso porque, tais conteúdos englobam o conhecimento de fatos, situações, dados, fenômenos concretos e singulares (ZABALA, 1998). “Nesse sentido, tornam-se imprescindíveis para a compreensão da maioria das informações e problemas que surgem na vida cotidiana e profissional” (p. 41). Nos conteúdos atitudinais, abordou-se os efeitos do consumo das drogas no indivíduo, exemplificado por meio das imagens de embalagens de cigarro, bebidas alcoólicas, entre outras e suas implicações no âmbito familiar e social. Segundo Zabala (1998), a aprendizagem dos conteúdos atitudinais, implica num conhecimento e reflexão sobre os fatores positivos e negativos dos valores, atitudes, normas da vida cotidiana e profissional. Assim como, uma revisão e avaliação da própria atuação, inclusive, as relações interativas em sala de aula.

Utilizou-se *data-show*, para apresentação do tema e das imagens referentes às substâncias psicoativas mais conhecidas retiradas da apostila do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes - UNODC (2017), bem como na exibição dos vídeos. “Utilizou-se os dois vídeos do Youtube objetivando a aprendizagem de conteúdos conceituais e factuais ao mesmo tempo e, portanto, os materiais curriculares não podem se limitar ao livro didático” (ZABALA, 1998, p.170).

Durante a apresentação do conteúdo, percebeu-se que os estudantes tinham muitas curiosidades, possivelmente, devido à falta de informação sobre as drogas. Nesse momento, surgiram indagações, exemplo: “*o que leva a pessoa a consumir droga?*”; “*professora por que alguns ficam agressivos?*”; “*fumar maconha uma vez, só para experimentar, vicia?*”; “*como faz para saber se alguém é viciado?*”; “*já vi colegas cheirando um papel, o que acontece com o nariz professora?*”. Segundo Ferreira (2003) esse “desconhecimento sobre os tipos de drogas e suas ações, é um dos elementos que facilitam o processo de experimentação/uso”.

O uso de imagens e vídeos durante a aula contribuiu para transposição didática dos conteúdos. Nesse sentido, a utilização de novos recursos e ferramentas no processo de ensinar e aprender desenvolve competências e habilidades nos alunos recomendadas pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (DCNEM), tornando-o sujeito da própria aprendizagem que através da percepção visual mobiliza para a capacidade de interpretação dos símbolos, códigos, fotos, gráficos, imagens dos processos biológicos e dos dados informativos sobre eles. Até porque os aspectos visuais e audiovisuais “vai além da sua capacidade meramente ilustrativa, pois tem o potencial de um exercício de novas formas e perspectivas de compreender conceitos e fenômenos biológicos” (ROCHA, 2011, p.2).

Embora os momentos sejam apresentados aqui separadamente, o seu desenvolvimento em sala de aula se observa na forma de movimentos dinâmicos e indissociáveis. Sendo assim, o terceiro momento da sequência didática, realizou-se concomitantemente com a exposição do conteúdo, uma atividade dinâmica com intuito de identificar quais drogas são alucinógenas, depressoras e estimulantes, a partir dos efeitos psicofisiológicos que os usuários apresentam, por meio da interação dos estudantes. Até porque os conteúdos não devem se restringir tão somente aos objetivos da disciplina. Logo, “também serão conteúdos de aprendizagem todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social” (ZABALA, 1998, p.30).

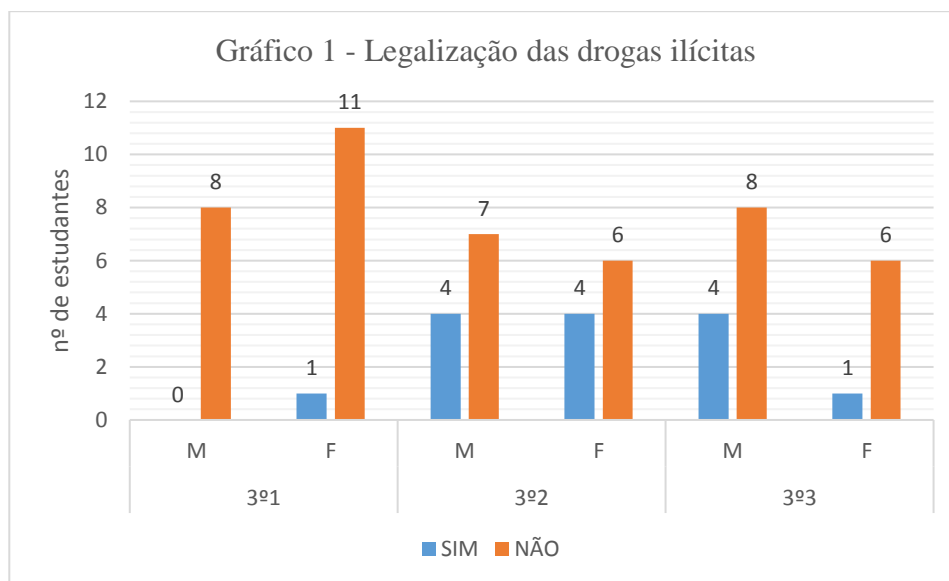
No quarto momento, fez-se avaliação a partir do debate, pois este evidenciou a capacidade dos alunos em manifestarem a nova compreensão mental do conteúdo aprendido. Pois o papel do docente não se reduz apenas a ensinar os conteúdos programáticos. Consiste,

também, em propiciar espaços para “para momentos de reflexão e de crítica sobre conteúdos apresentados e a realidade da sociedade, estimulando o debate, provocando o engajamento dos alunos e encaminhando-os para serem autores de seu próprio conhecimento” (VILLA-BOAS et al, 2011, p.24).

Durante o debate suscitou-se a seguinte questão “Você é a favor da legalização das drogas no Brasil?”. Nesse momento, pode-se identificar por meio das falas dos alunos os argumentos contra o uso das drogas, dentre as suas justificativas apontaram os riscos que essas substâncias trazem à saúde, o medo de morrerem por overdose da maconha, crack e cocaína, ou pelas brigas entre grupos rivais ou em confronto com a polícia. Observou-se pelos discursos que esses posicionamentos eram advindos da realidade vivida com parentes e amigos envolvidos nas drogas. Além disso, pontuaram os problemas no ambiente familiar, pois o filho ou qualquer outra pessoa usuária comete furtos na própria família para manter o vício e, conseqüentemente, envolvendo indiretamente seus familiares no mundo do crime e do tráfico. Lembraram ainda, que todos os dias leem nos jornais os casos de jovens mortos por dívidas no tráfico e muitas famílias pagando com a própria vida. Destacaram também as conseqüências no âmbito da justiça devido aos atos criminosos e ilegais relacionados às drogas. Finalizaram concordando que mesmo com a legalização das drogas ilícitas, os crimes, os assaltos e o tráfico não deixariam de existir e nem tão pouco haveria redução do consumo de drogas.

No grupo de estudantes que construíram argumentos a favor da legalização tomaram como exemplo países como EUA e Holanda que possuem as drogas legalizadas. Em suas falas, argumentaram que o número de cidadãos inocentes mortos pelo consumo e venda diminuiu, pois deixaram de serem vítimas de assaltos e violências. E, como conseqüência o crime organizado em relação às drogas diminuiria ou deixaria de existir, pois as farmácias e drogarias comercializariam essas substâncias com a quantidade de consumo recomendado pelo governo, como é o caso dos países citados. Mencionaram, também, os benefícios que a medicina vem apresentando em relação à maconha para tratamento de determinadas doenças, e pessoas tendo licença até mesmo para a produção na própria residência, mas sem esquecer que essa permissão é uma licença dada pela justiça. E finalizaram suas justificativas com a percepção de que todos têm o direito de fazer o que quiserem com o próprio corpo mesmo sabendo dos riscos. E que a legalização não deveria servir apenas para o álcool e o cigarro, e sim para todas as substâncias.

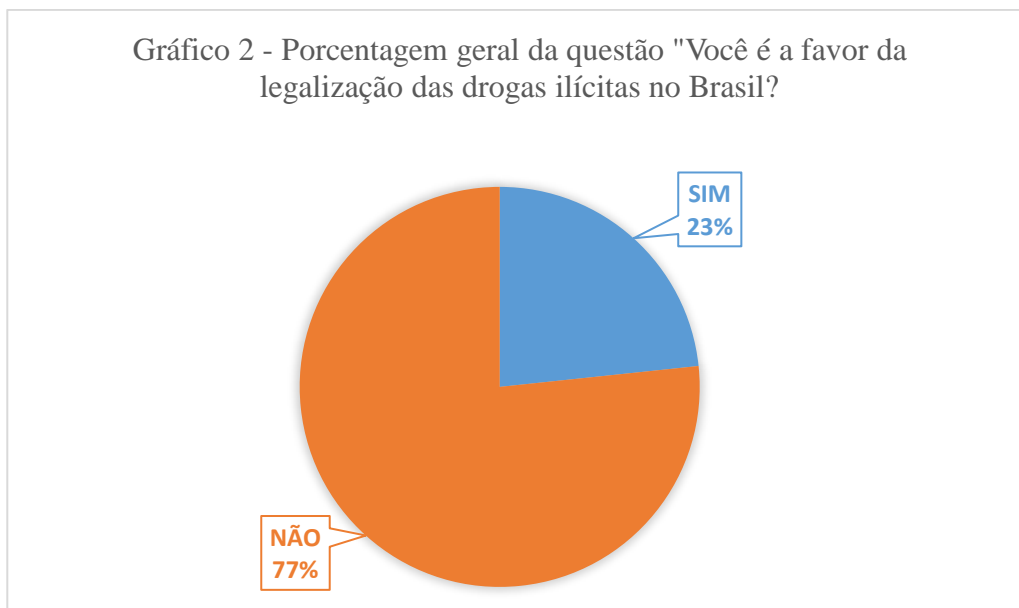
Os resultados obtidos da votação de cada turma referente à pergunta “Você é a favor da legalização das drogas no Brasil?” foram organizados por gênero (M= masculino, F= feminino) no gráfico 1.



Fonte: Debate com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

Notou-se que em cada turma, os alunos demonstraram um posicionamento distinto referente à questão perguntada. Observou-se na turma do 3º ano 1, na qual, os estudantes do gênero masculino e feminino são, na maioria, contrários a legalização das drogas ilícitas. Os posicionamentos na turma do 3º ano 2 ficaram divididos entre os gêneros, quase por igual entre o sim e o não. Já na turma do 3º ano 3, os estudantes de ambos os gêneros em sua maioria apresentaram um posicionamento contrário a questão.

Num levantamento mais amplo, o resultado do somatório das respostas dos discentes evidencia um posicionamento contrário a legalização das drogas ilícitas como apresenta o gráfico 2 abaixo.



Fonte: Debate com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

Para os 23% dos estudantes apontam a maconha como a principal substância psicotrópica a ser legalizada no país. Os 77% dos alunos que não concordam com esse posicionamento relatam que mesmo as drogas ilícitas sendo legalizadas, para eles, o tráfico e a violência decorrente do seu uso não diminuirá.

Outro assunto presente durante o debate se refere às relações interpessoais. Para a maioria dos estudantes, nas três turmas, o uso de drogas interfere muito na amizade estabelecida, percebem-se tais afirmações até mesmo no questionário nos itens 4, 14 e 15. Da mesma forma que pais ou mães que usam qualquer tipo de substância psicotrópica corroboram para que o futuro adolescente entre no vício prematuramente. Durante o discurso, caso viessem a descobrir que seus amigos ou familiares fizessem o uso de drogas, umas das reações seria de reprovação. Porém, transcrevem-se alguns relatos: E1 “Ficaria muito triste, tentaria ajudá-lo a mudar isso”; E2 “Alertaria sobre as consequências do efeito das drogas”; E3 “Daria conselhos e exemplos para que saia deste modo de vida”; E4 “ Eu não julgaria, mas alertaria a respeito do uso de drogas”; E5 “Eu tentaria conversar e saber o porquê, ficaria preocupada”; E6 “Daria um ralho e mandaria tomar vergonha na cara”; E7 “Iria ficar muito triste porque ninguém quer ver seu amigo drogado”; E8 “Eu o repreenderia, mas continuaria como seu amigo”.

Para Rodrigues (2010), a influência de um ambiente familiar adequado, sem violência, onde os problemas são conversados, pais que se preocupam com seus filhos, há menor probabilidade do uso de substâncias psicoativas. Ainda nessa perspectiva, e observando a

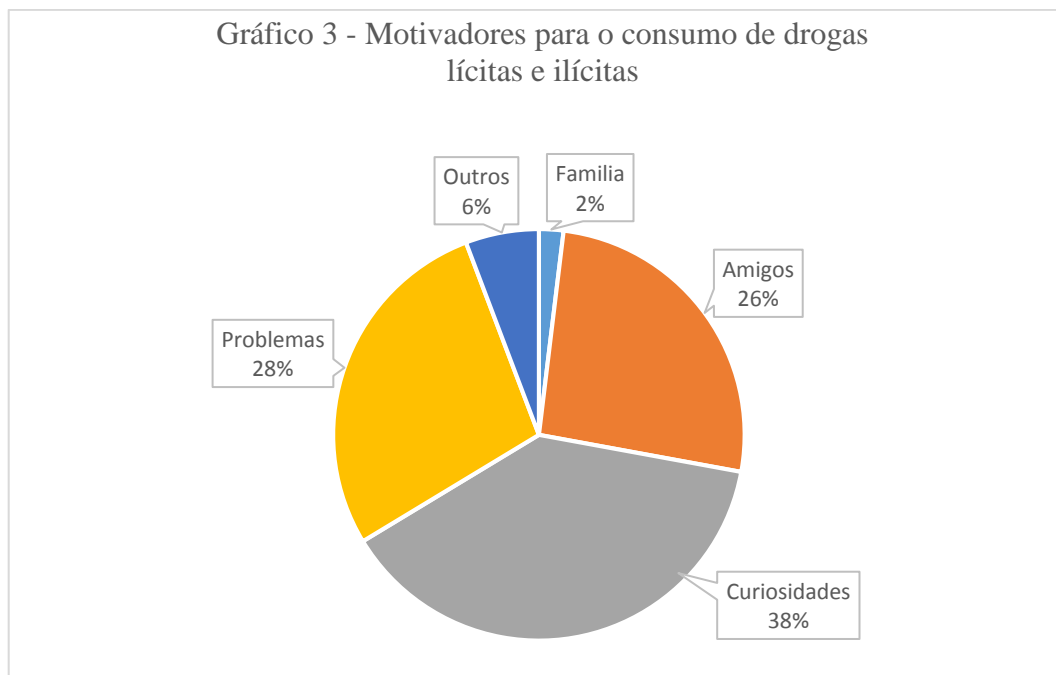
atual conformação familiar Rocha (2009) reafirma em dizer que “a distância da família e os poucos contatos levam à formação de crianças e adolescentes com baixa autoestima e em consequência, propensos a buscar satisfação e prazer em fontes externas, mais precisamente nas drogas, sejam elas “lícitas” ou “ilícitas” (p.5)”.

Além disso, suscitaram nessa conversa a conscientização da população sobre os riscos envolvidos no consumo, e frisam que o governo poderia promover atividades de combate as drogas. Para os estudantes o governo está praticamente omissa quanto à prevenção. Relatam ainda que nem mesmo na escola os professores discutem ou debatem sobre o assunto, mesmo sabendo que há alunos usuários de drogas. Para Ferreira (2010, p.555) “os professores, por conta da falta de informação e do receio de não terem respostas para sanar as dúvidas dos estudantes, demonstram medo e incapacidade para lidar com a prevenção do uso de drogas”.

Analysaram-se, também, alguns aspectos do questionário das quais se destacou algumas características importantes referentes ao uso de drogas apontado pelos estudos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2010), principalmente, como a experimentação precoce, uso na vida, uso no mês, motivadores, entre outros. Paini et al (2010, p.40) ressalta um ponto importante quanto aos estudantes “serem questionados se já haviam experimentado drogas, o questionário não quis direcionar se eles ainda faziam uso da droga, mas apenas levantar a questão a respeito da frequência do uso dessas drogas”.

Perguntados “Com quantos anos você experimentou drogas (lícitas ou ilícitas) pela primeira vez?” do item 19 do questionário, a idade variou entre 9 e 18 anos, sendo a média dos dados, a faixa etária de 15 anos. Esses dados se equiparam com o do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID, 2010) que através das suas pesquisas periódicas com estudantes em 10 capitais brasileiras assinala o início precoce entre 10 e 12 anos, sendo o maior índice de consumo a partir da faixa etária dos 16 anos.

Questionados sobre os motivos que levam ao consumo das substâncias psicotrópicas, os resultados do item 9 do questionário foram tabulados no gráfico 3 a seguir.



Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

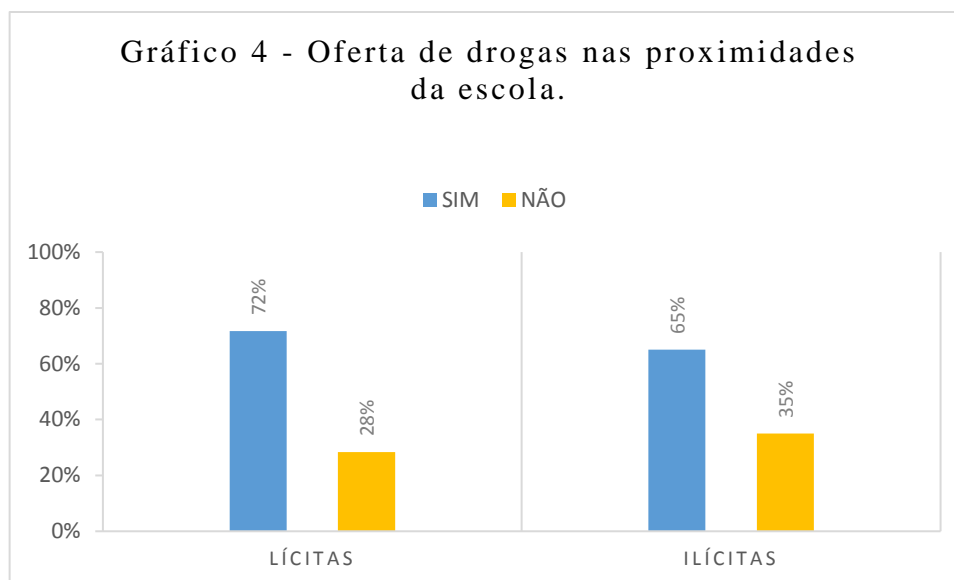
Entre os principais fatores identificados para o uso de drogas foi a curiosidade (38%), problemas (28%), amigos (26%). Para Elicker (2015) os motivos que inserem o jovem no mundo das drogas são muitos e complexos decorrentes da fase da adolescência, o da construção de uma identidade própria (ABRAMOVAY, 2009; BRUSAMARELLO et al, 2010). Além disso, torna-se fundamental, também, levar em consideração o ambiente em que o estudante está inserido, pois “a família, a escola, os amigos e a comunidade podem influenciar positiva ou negativamente um jovem com relação ao uso de drogas” (PIAI et. al, 2015, p. 330).

Segundo Moreno et al (2009, p. 355) “ao debater a questão do início precoce do uso e consumo de drogas lícitas, diversos autores apontam como influências determinantes da experimentação: a pressão dos amigos e o ambiente familiar”. E diante da busca pela própria identidade, da autonomia, distinguirem de seus pais e na necessidade de pertencer a um grupo social (SILVA, 2010; BRUSAMARELLO, 2008; WAGNER, 2007) tornam-se vulneráveis.

Consequentemente, devido à curiosidade do sujeito; a busca pelo prazer; o descontentamento com a vida; pais usuários de drogas; autoritarismo no ambiente familiar; o baixo desempenho escolar; falta de regras claras na escola; exclusão social; entre outros, tornam-se fatores de risco responsáveis pela iniciação precoce dos jovens nas drogas (ALBERTANI et. al 2004). Destarte, “a droga passa a ser encarada como uma possibilidade

de fuga às dificuldades de se relacionar com o mundo adulto e de satisfazer-se individualmente” (BRUSAMARELLO et al, 2010, p. 768).

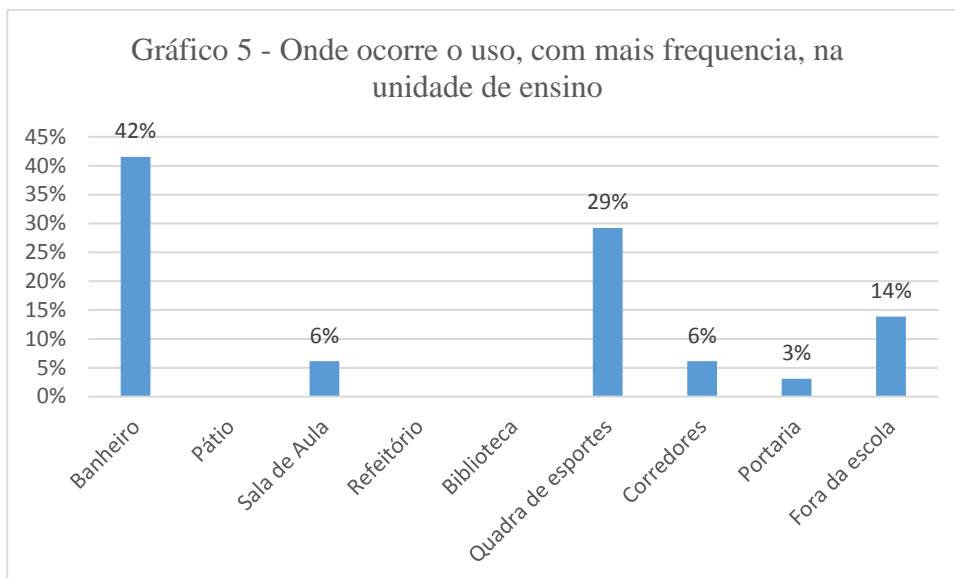
No gráfico 4, quantificou-se as respostas dos estudantes sobre a oferta de drogas (lícitas ou ilícitas) nas proximidades da escola, referente aos itens 5 e 6 do questionário.



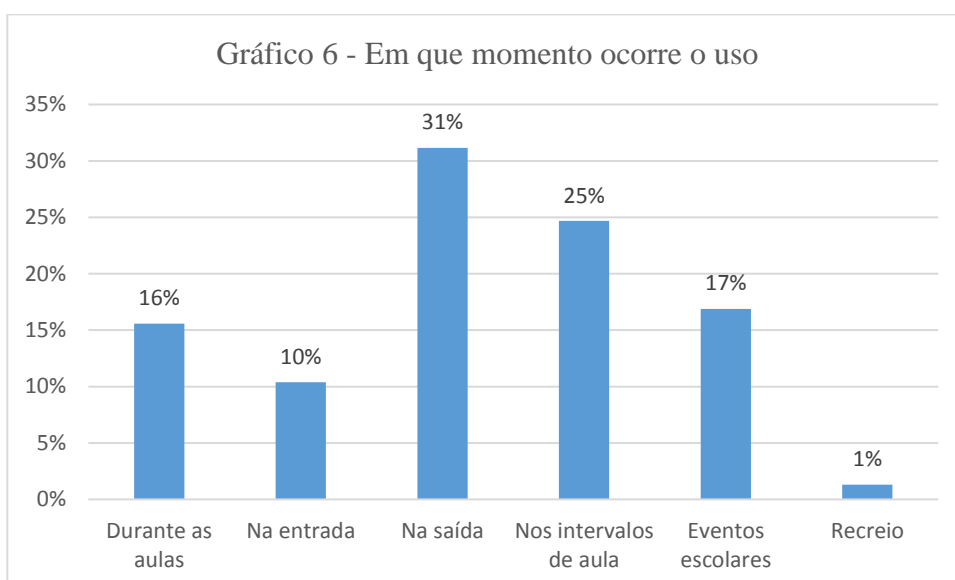
Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

Quanto à oferta de drogas lícitas nas proximidades da unidade de ensino, 72% confirmaram a existência desse consumo, e 28% negaram. Dentre os estudantes que confirmaram a existência da oferta de drogas nas proximidades da escola, a maioria citou as bebidas alcoólicas, o cigarro e medicamentos sem receitas. Em relação às drogas ilícitas, 65% responderam que há nas proximidades da escola essa oferta. Neste caso, os alunos mencionaram a oferta de maconha na maioria das respostas e, em menor ênfase o crack e a cocaína. Porém 35% admitiram que não existe oferta ou venda dessas substâncias.

Obteve-se também dados referente à ocorrência do uso de drogas na instituição escolar do item 8 do questionário apresentado no gráfico 5. E no gráfico 6, em que momento ocorre o uso.



Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

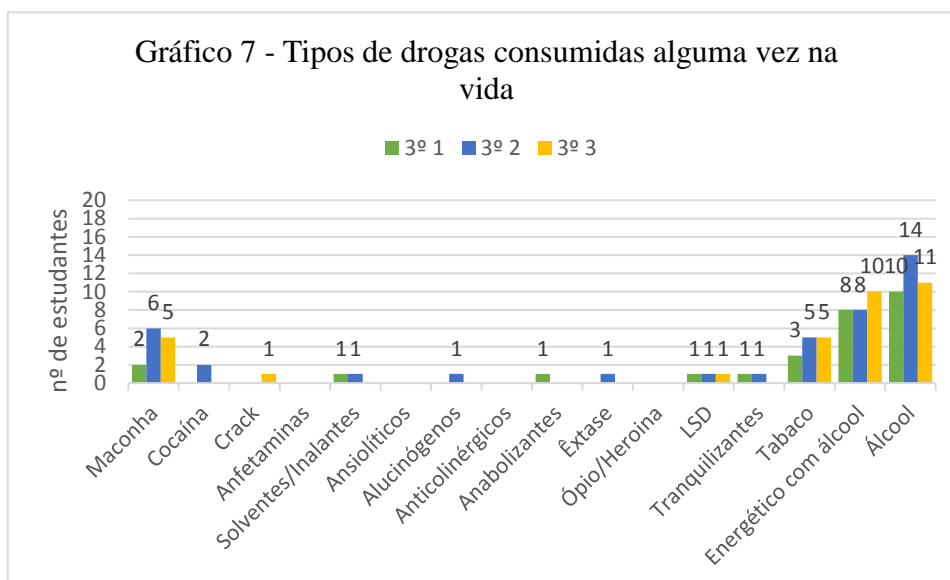


Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

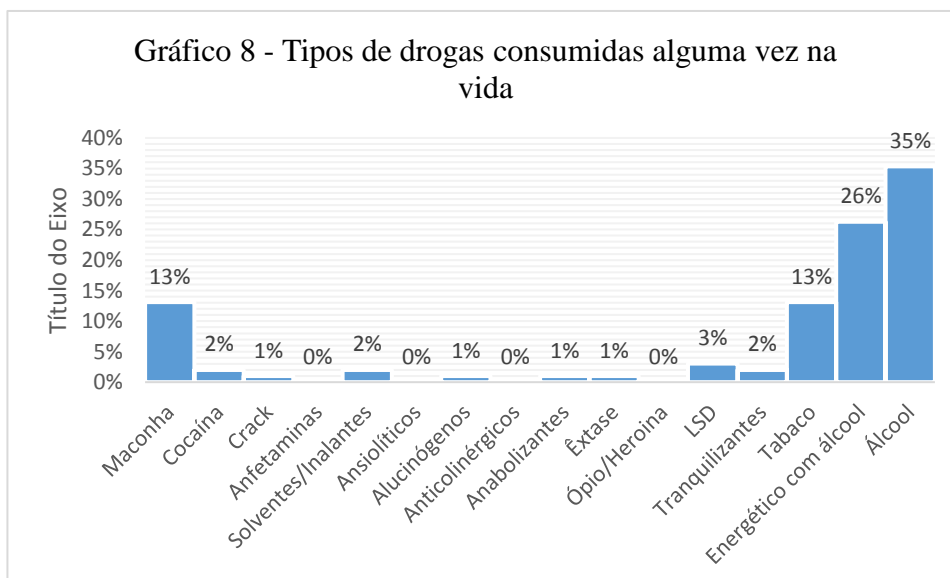
De acordo com os dados, deduz-se que os espaços da escola têm sido utilizados para o consumo de drogas. 42% dos alunos citaram os banheiros como sendo o local preferido para o consumo, 29% indicaram as quadras de esportes. O restante ficou distribuído entre fora da escola (14%), dentro da sala de aula (6%), corredores (6%), portaria (3%) etc. Quanto as respostas sobre a ocasião em que as drogas são consumidas no ambiente escolar, 31% responderam na saída das aulas, 25% nos intervalos das aulas, 17% nos eventos escolares, 16% durante as aulas e 10% na entrada da escola, 1% no recreio.

Diante dos dados apresentados nos gráficos 4, 5 e 6 se percebe, então, a realidade destacada por Nogueira (2013) na qual faz parte do cotidiano das escolas de Manaus os alunos utilizarem o espaço escolar para oferta das mais diversas drogas. “Tanto nos arredores das escolas, quanto dentro das mesmas, o uso destas substâncias parece ser comum” (ABRAMOVAY et al, 2009, p. 66). O que tem gerado desmotivação e desconforto entre os próprios alunos, educadores e demais profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Quando perguntando sobre a experimentação de pelo menos uma vez na vida referente ao quadro de substâncias presente no questionário, os dados brutos das frequências foram organizados por turmas no gráfico 7 e sua porcentagem no gráfico 8.



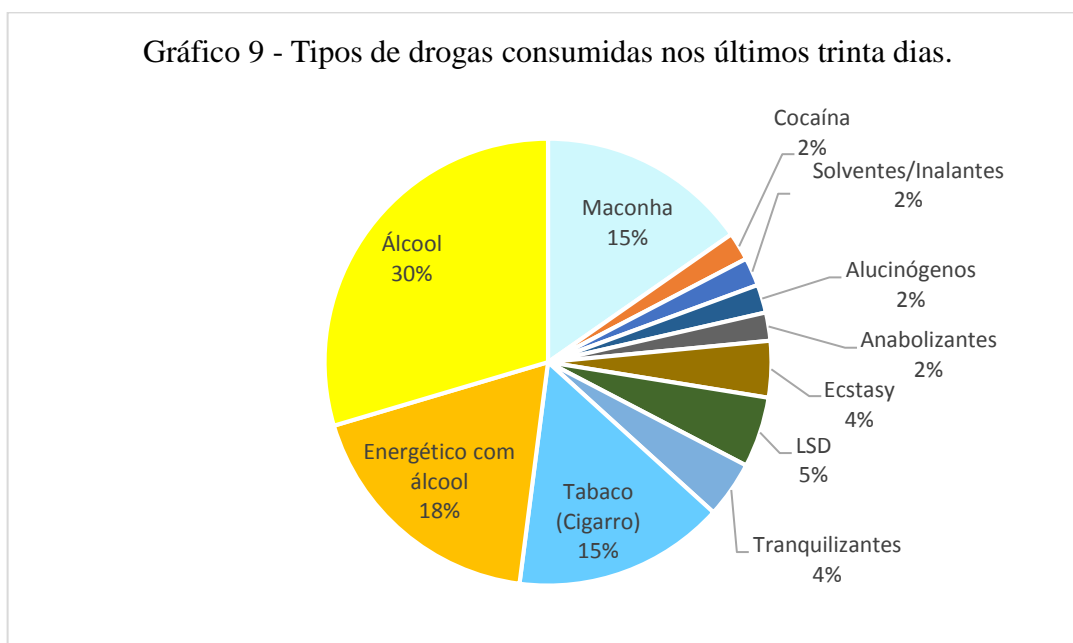
Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)



Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015)

Percebeu-se durante a análise, a predominância do sexo masculino no consumo de drogas ilícitas e em todas as drogas mencionadas. Abramovay (2009, p.70) reforça em dizer “que o contato com essas substâncias pelos meninos é significativamente maior quando comparados às meninas”.

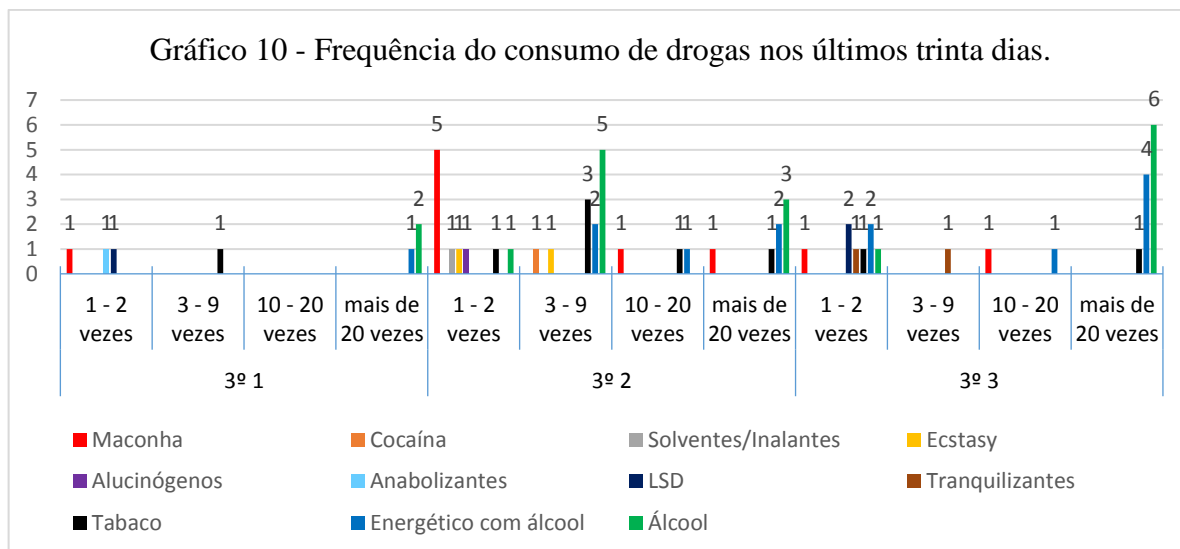
No gráfico 9, apresenta-se o resultado em porcentagem quanto ao consumo nos últimos trinta dias, alusiva ao quadro presente no questionário.



Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015).

Os dados apresentados em percentual demonstram que o álcool (35%), o energético com álcool (26%), o tabaco (cigarro) 13%, e em menor porcentagem tranqüilizantes (4%), solventes e inalantes (2%) são as drogas lícitas mais consumidas pelos estudantes. Seguidamente, a maconha com 15% se destaca dentre as drogas ilícitas mais consumidas pelos participantes, seguido da cocaína (2%), LSD (5%), entre outros.

Quanto à frequência do uso no mês, tem-se a tabulação das respostas no gráfico 10, abaixo.



Fonte: Questionário com os estudantes em setembro de 2015 (PASSOS, 2015).

Com a coleta e registro dos resultados obtidos a partir da análise dos 60 questionários demonstraram que 37% dos estudantes não consumiram nenhum tipo de drogas lícitas e ilícitas. A partir desse dado pode-se inferir, em uma análise geral, que 63% dos alunos entrevistados já consumiram pelo menos um tipo de droga como evidencia o gráfico 8.

Dentre elas o álcool se destacou como a substância mais consumida com 30%, e seu uso mais evidente por estudantes do sexo masculino. Observou-se que a faixa etária dos estudantes que consumiram bebidas alcoólicas estava entre os 13 e 17 anos, sendo que a taxa de maior frequência de consumo aumenta conforme a idade. Corroborando com esta análise Silva (2010, p. 607) reforça em dizer em sua pesquisa acerca do abuso de drogas na adolescência que “o álcool é a substância mais consumida entre os jovens, sendo que a idade de início de uso tem sido cada vez menor, aumentando o risco de dependência futura”. Em concordância com os autores referidos neste estudo esse consumo precoce e exacerbado de bebidas alcoólicas entre os estudantes é motivado por questões sociais como “[...] a busca pelo prazer, a diversão, a experimentação/curiosidade, a valorização social/ pertencimento, alívio do tédio, relaxamento, bem como problemas pessoais” (VASTERS, 2011, p.3).

Seguidamente o uso do tabaco, os dados demonstram que 13% (gráfico 8) já fizeram uso ao menos uma vez na vida, sendo a ocorrência da experimentação na maioria por estudantes do sexo feminino. Pinto (2007) relata em seu estudo que é durante a transição do ensino médio e o superior que o jovem poderá desenvolver seu comportamento tabagista. Além disso, a iniciação ao tabagismo por estudantes do ensino médio está vinculada as características intrínsecas da adolescência, devido à curiosidade e a necessidade de se

identificar e de fazer parte do grupo de amigos, ou pela influência deste ou da família. Ainda nas palavras do autor o uso de tabaco está cada vez mais frequente entre as meninas, o que é até mesmo apontado em pesquisas de países desenvolvidos, “nos quais as mulheres vêm apresentando taxas de experimentação e uso habitual de cigarros iguais ou maiores que as dos homens” (PINTO, 2007, p. 562).

No que diz respeito às drogas de uso ilícito, a maconha se destacou em primeiro lugar com 13% (gráfico 8) como aponta a literatura. De acordo com a pesquisa do VI Levantamento Nacional do Consumo de Drogas Psicotrópica realizado por Carlini et. al (2010), em Manaus dentre a amostra total de 2.389 estudantes das redes públicas estaduais e particulares, 5,6% consumiram maconha ao menos uma vez na vida. Para o autor, houve uma redução da proporção de estudantes que relataram o uso desta classe de droga quando comparado aos dados do último levantamento em 2004, correspondendo a 7,7% dos entrevistados. No entanto, Lemos e Zaleski, (2004) alertam para as consequências do uso crônico da maconha que pode levar “a déficits de aprendizagem e memória, diminuição progressiva da motivação (isto é, apatia e improdutividade, o que caracteriza a ‘síndrome amotivacional’), piora de distúrbios preexistentes, bronquites e infertilidade (reduz a quantidade de testosterona).” E conseqüentemente, no caso específico dos alunos, as dificuldades na aprendizagem e repetência escolar.

Apesar de não apresentarem um valor estatístico expressivo, as substâncias psicoativas como LSD (3%), cocaína (2%), solventes e inalantes (2%), tranquilizantes (2%), anabolizantes (1%), crack (1%), alucinógeno (1%), ecstasy (1%), merecem atenção diante dos efeitos nocivos à saúde dos estudantes. Ainda segundo Carlini et.al (2010) foi observado em Manaus um aumento no consumo dessas classes de drogas comparado a maconha e a cocaína.

Os gráficos demonstram ainda que o 3º 2 e o 3º 3 são as turmas que possuem mais estudantes usuários de substâncias psicoativas. Na primeira turma mencionada se destaca em primeiro lugar a maconha, em segundo lugar o tabaco (cigarro) seguido da cocaína, solventes, ecstasy, LSD, tranquilizantes, alucinógenos. Na segunda turma a ênfase recai sobre as bebidas alcoólicas com adição de energéticos sendo seu consumo em mais de 20 vezes ao mês. Além disso, registrou-se também a presença da maconha, crack, LSD, tranquilizantes e tabaco (cigarro) com menor frequência no uso.

Deduz-se que o uso das drogas ilícitas nas três turmas investigadas aconteça de modo experimental. As respostas dos alunos apontam que esse consumo ocorra com a frequência de uma a duas vezes ao mês. Apesar de ter se observado hábitos em que a frequência chega a ser superior de 3 a 9 vezes ao mês. No entanto, esse hábito de maior consumo é mais frequente

com drogas lícitas como o álcool e álcool misturado ao energético, um costume comum entre os jovens e bastante visualizado nos dias de hoje durante os finais de semana. Brusamarello (2008) explica que as bebidas alcoólicas fazem parte do dia a dia de milhares de pessoas, o que as torna socialmente aceitas e consumidas no Brasil.

Os dados apresentados através dos gráficos (7,8,9,10) nos direcionam ao levantamento realizado por CEBRID (2010) quanto ao uso de drogas entre crianças e adolescente escolares. O estudo desenvolvido nas capitais dos estados brasileiros e no DF demonstra que 60,5% dos alunos do ensino fundamental e médio já haviam experimentado bebidas alcoólicas e 16,9% já tinham fumado ao menos um cigarro de tabaco. Além disso, os solventes e inalantes ocuparam o terceiro lugar entre as drogas consumidas pelos discentes com 8,7%, seguidos pela maconha, que já foi usada, pelo menos uma vez, por 5,7% deles. Dentre os remédios mais consumidos (sem receita médica) foram os ansiolíticos (5,3%) e os anfetamínicos (2,2%). Entre os estudantes pesquisados, 2,5% já haviam experimentado cocaína e 0,6% o crack. (CARLINI et al, 2010)

Os estudos citados neste trabalho apesar de idealizados em contextos distintos legitimam os resultados aqui apresentados, alertando para o consumo frequente e, até mesmo, precoce de álcool, tabaco e outras drogas entre adolescentes (ELICKER et al, 2015; GARCIA et al, 2011; CEBRID, 2010; SANTOS et al, 2008; TAVARES et al, 2001;). Vale ressaltar que a utilização e:

[...] O envolvimento precoce com esse tipo de substâncias, ainda que de forma experimental, pode causar danos ao desenvolvimento cognitivo e fisiológico, além de atraso no desenvolvimento da capacidade de autocontrole dos adolescentes, tornando-os mais suscetíveis à influência de amigos no seu envolvimento em comportamentos de risco. (ELICKER, 2015, p.407)

Face aos dados apresentados, infere-se que a adolescência é como apontam os estudos, uma etapa onde frequentemente ocorre a experimentação de drogas lícitas ou ilícitas. Mesmo que, este uso seja apenas de caráter experimental, foi possível perceber padrões de consumo que se igualam aos comportamentos observados na vida adulta. Logo, tem-se a necessidade de propor medidas preventivas nesta etapa do desenvolvimento. Nesse sentido, a questão do uso de drogas entre os adolescentes escolares tem sido um tema de destaque em pesquisas na saúde pública e na educação (FERREIRA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber que o primeiro contato dos adolescentes com as drogas, muitas vezes, ocorre na escola, torna-se fundamental a preparação de todos os envolvidos no processo de educação para conscientização diante desse problema. Até porque, as pesquisas referenciadas neste estudo têm evidenciado que adolescentes usuários de qualquer tipo de droga, principalmente a maconha, podem apresentar déficits na aprendizagem afetando a memória, a cognição, a atenção, concentração, entre outros problemas psicológicos.

Diante do exposto, a prática educativa de Antoni Zabala (1998) por meio da unidade didática dois contribuiu para iniciar as discussões a partir das inquietações de senso comum dos estudantes, conseqüentemente, mobilizando-os a participar da temática proposta. De modo, que superasse as abordagens com foco na memorização e reprodução de conhecimento, mas, acima de tudo comprometida com a formação social dos indivíduos e uma possibilidade didática no ensino de Biologia.

Seguidamente, faz-se necessário que a escola ressignifique suas ações de prevenção com apoio da própria família, pois o ambiente familiar é a primeira instituição social que o adolescente tem contato. Logo, a prevenção primária deve iniciar em casa, com a educação dos valores éticos e morais dos pais para os filhos. Em seguida, a escola a partir de um trabalho de conscientização por meio dos conhecimentos científicos propicie aos jovens momentos de debates e reflexão sobre o uso de drogas, e na adoção de uma vida saudável e voltada para o exercício da cidadania.

Além disso, espera-se que a presente experiência possa servir de inspiração a diferentes professores para a elaboração de novos métodos de ensino a suas turmas e que possam contribuir para o processo ensino-aprendizagem, tendo o educador como mediador para o desenvolvimento do pensar crítico dos estudantes, na perspectiva de enfrentamento dos problemas sociais, como o relatado no escopo do presente texto.

REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; et al. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p. Bibliografia: p. 469-495. ISBN978-85-61068-04-2. Disponível em <http://www.abglt.org.br/docs/Revelando_Tramas.pdf> Acesso em 21 jun. 2016

ALBERTANI, Helena Maria Becker. O professor e a prevenção do uso de drogas: em busca de caminhos. In: **Prevenção ao uso de drogas: A escola na rede de cuidados**. Ano XXIII - Boletim 23 nov. 2013. Disponível em <http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/2013_SALTO_PARA_O_FUTURO_Prevencao_ao_uso_de_Drogas.pdf> Acesso em 23 abr. 2016

ALBERTANI, M. B.; SCIVOLETTO, S.; ZEMEL, M. de L. S. **Prevenção do uso indevido de drogas: fatores de risco e fatores de proteção**. In: Curso de capacitação Atualização de conhecimento sobre redução da demanda de drogas. Secretaria Nacional Antidrogas, UFSC, 2004. p. 63-86. Disponível em <<http://www2.ufrb.edu.br/crr/material-didatico-ok/category/3-curso-de-actualizacao-em-atencao-integral-aos-usuarios-de-crack-e-outras-drogas-para-profissionais-atuantes-nos-hospitais-gerais?download=34:prevencao-do-uso-de-drogas-fatores-de-risco-e-fatores-de-protecao>> Acesso em 23 abr. 2016

ALVES, Bárbara Elisa Pereira; CARNEIRO, Emmanuel de Oliveira. Drogas psicoestimulantes: uma abordagem toxicológica sobre cocaína e metanfetamina. In: **7ª Mostra de produção científica da Pós-Graduação Lato Sensu da PUC Goiás** (2012). ISSN 2176-0725. Disponível em <<http://www.cpgls.pucgoias.edu.br/7mostra/Artigos/SAUDE%20E%20BIOLOGICAS/Drogas%20psicoestimulantes%20-%20uma%20abordagem%20toxicol%C3%B3gica%20sobre%20coca%C3%ADna%20e%20metanfetamina.pdf>> Acesso em 18 nov. 2016

BERTONI, Neilane et al. Uso de álcool e drogas e sua influência sobre as práticas sexuais de adolescentes de Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 6, p. 1350-1360, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000600017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 mar. 2016

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). **Drogas: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD)**; conteúdo e texto original: Beatriz H. Carlini. -- 2. ed., reimpr. -- Brasília : Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2011.

BRUSAMARELLO, Tatiana; MAFTUM, Mariluci Alves; MAZZA, Verônica Azevedo; SILVA, Ângela Gonçalves da; SILVA, Thaise Liara da; OLIVEIRA, Vânia Carvalho de. Papel da família e da escola na prevenção do uso de drogas pelo adolescente estudante. **Cienc Cuid Saude** 2010 Out/Dez; 9(4):766-773. DOI: 10.4025/ciencucuidsaude.v9i4.13828 Disponível em <> Acesso em:

BRUSAMARELLO, Tatiana; SUREKI, Mariângela; BORRILE, Dayane; ROEHR, Hellen; MAFTUM, Mariluci Alves. Consumo de drogas: concepções de familiares de estudantes em idade escolar. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 01-19, fev. 2008. ISSN 1806-6976. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38664>>. Acesso em: 12 fev. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v4i1p01-19>.

CASSIMIRO, Regina Magda Alves. A importância da prevenção na luta contra as drogas. Monografia (Especialização) - Academia Nacional de Polícia, Curso de Pós-Graduação em execução de políticas de Segurança Pública, Brasília, 2009. Disponível em <<http://www.pf.gov.br/anp/institucional/prevencao-as-drogas-gpred/arquivos/regina>> Acesso em 07 set. 2016

CARLINI, E. A. et al. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010/ -- São Paulo: **CEBRID** - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD, 2010. 503 p. ISBN: 978-85-60662-63-0. Disponível em <<http://www.cebrid.epm.br/index.php>> Acesso em 25 abr. 2016

CASTRO, M. S. ROSA, L. C. S. **Fatores de risco e proteção na prevenção do uso indevido de drogas.** Disponível em: www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.7/GT_07_01_2010.pdf. Acessado em: 08/06/2014.

COSTA, Cristina Chain. Drogas na adolescência com abordar nas escolas, o uso de drogas pelos adolescentes. Monografia (**Especialização**) – Universidade Cândido Mendes, Curso de Especialização em Orientação Educacional, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.avm.edu.br/monopdf/4/CRISTINA%20CHAIN%20COSTA.pdf>> Acesso em 27 mar. 2016

COSTA, Márcio Aparecido da. **Antidrogas.** Em: <<http://www.antidrogas.com.br/oquedrogas.php>>. Acesso em: 09 outubro 2016.

DIAS, Maria Angélica Beltrani. Políticas Públicas para o combate às drogas no Brasil. Monografia (**Bacharel**) - Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, Curso de Graduação em Direito, 2012. Disponível em <<http://www.unipac.br/site/bb/tcc/tcc-0635f6ff3a902553a60464031931a8fe.pdf>> Acesso em 12 jun. 2016

ELICKER, Eliane; PALAZZO, Lílian dos Santos; AERTS, Denise Rangel Ganzo de Castro; ALVES, Gehysa Guimarães; CÂMARA, Sheila. Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 24,

n. 3, p. 399-410, set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222015000300399&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 mar. 2016.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia General de las drogas**. 5.ed. Madrid: ESPASA, 2007.

FERREIRA, T.C.D. et al. Perceptions and attitudes among public school teachers towards the topic of drugs. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, v.14, n.34, p.551-62, jul./set. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop0810>> Acesso em 13 abr. 2016.

FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. Relato de Uma Experiência com Adolescentes Sobre o Uso de Drogas. *Psicol. Teor. Prat.* [online]. 2003, vol.5, n.2, pp. 47-54. ISSN 1516-3687.

FIOCRUZ. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Drogas: paraíso artificial. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

FRANCISQUINHO, Sérgio; FREITAS, Solange Pinheiro de. **A Influência das drogas na criminalidade**. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2008. Disponível em <http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/seguranca/a_influencia_das_drogas_na_criminalidade.pdf> Acesso em 27 abr. 2016

GARCIA, Jairo Jose Garcia; PILLON, Sandra Cristina; SANTOS, Manoel Antônio dos. Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, p. 753-761, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700013> Acesso em 18 dez. 2016

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica**. 5ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GÓIS, Mariana Maiza de Andrade; AMARAL, José Hamilton do. O uso de Drogas Lícitas e Ilícitas e suas consequências sociais e econômicas. **ETIC-Encontro de Iniciação Científica**-ISSN 21-76-8498, v. 5, n. 5, 2010. Disponível em <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2253/2208>> Acesso em 27 abr. 2016

GONÇALVES, Artur. Álcool, tabaco e outras drogas: concepções de professores e alunos do ensino básico e secundário e análise de programas e manuais escolares. Dissertação (**Tese**) – Universidade do Minho, Doutoramento em Estudos da Criança Área de Especialização em Saúde Infantil, Portugal, 2008. Disponível em <http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/Tese_ArturGoncalves.pdf> Acesso em 15 ago. 2016

GORGULHO, M.. **A influência da mídia na realidade brasileira do fenômeno das substâncias psicoativas**. In: Silveira, D.X. e Moreira, F.G. Panorama atual das drogas e dependências. São Paulo: Atheneu, 2006.

LEITE, Ivonaldo. Ensino, Cotidiano escolar e Drogas: Desafios ao trabalho docente e busca por alternativas. **Trilhas Pedagógicas**, v. 5, n. 5, ago. 2015, p. 54-66. Disponível em <

<http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume5/4.pdf>> Acesso em 10 out. 2016

LEMOS, T. & ZALESKI, M. As principais drogas: como elas agem e quais os seus efeitos. Em I. Pinsky & M. Bessa, **Adolescência e drogas** (pp. 16-29). São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, Leticia Aparecida de. Projeto De Intervenção: Ação Anti-Droga No Município De Fátima Do Sul Com Enfoque No Alcool E Tabaco. Monografia (**Especialização**) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Curso em Pós-Graduação em Atenção Básica em Saúde da Família. Campo Grande, 2011. Disponível em <http://virtual.ufms.br/objetos/tcct1/tcc/arquivos/LETICYA%20APARECIDA%20DE%20LI%20MA_93_67341.pdf> Acesso em 23 jun 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2011.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; RIBEIRO, Marcelo. (org). **Guia prático sobre uso, abuso e dependência de substâncias psicotrópicas para educadores e profissionais da saúde**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. Disponível em <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/infanciahome_c/dr_drogadicao/dr_doutrina_drogadicao/Guia%20Pratico%20sobre%20%20Uso%20e%20Dependencia%20de%20Drogas.pdf> Acesso em 17 mar. 2016

MORGADO, Ludmilla Sedlmaier. O uso indevido de drogas: oportunidade para a violência – Desafio para a gestão escolar. Monografia (**Especialização**) – Universidade Católica de Brasília, Curso de Pós Graduação em Gestão Educacional, Brasília, 2010. Disponível em <<http://docplayer.com.br/972632-Pro-reitoria-de-pos-graduacao-e-pesquisa-lato-sensu-em-gestao-educacional-trabalho-de-conclusao-de-curso.html>> Acesso em 31 set 2016

MOREIRA, Lidia Alves; NAGEM, Ronaldo Luiz. Drogas e prevenção: o que crianças de 9 a 11 anos querem saber?. In: **IV Seminário Nacional de Educação Tecnológica (SENEPT)**, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2010/Artigos/GT6/DROGAS_E_PREVENCAO.pdf> Acesso em 08 ago. 2016

MORENO, Rafael Souza; VENTURA, Renato Nabas & BRÊTAS, José Roberto S. Ambiente familiar e consumo de álcool e tabaco entre adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 27. nº 4. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822009000400002&script=sci_arttext> Acesso em 08 mai. 2016

NÓBREGA, Carolina Caminha de. Usuário de drogas: A polêmica acerca da descriminalização do art. 28 da lei 11.343/06. Trabalho e Conclusão de Curso (Bacharel) – Universidade do Vale do Itajaí, Curso em Bacharel em Direito, São José (SC), 2007. Disponível em <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Carolina%20Caminha%20da%20Nobrega.pdf>> Acesso em 11 jul. 2016

NUNES, Laura M; JÓLLUSKIN, Glória. O uso de drogas: breve análise histórica e social. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto. ISSN 1646-0502. 4 (2007) 230-237. Disponível em < <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/449>> Acesso em: 17 mar. 2016

OLIVEIRA, Marcelo Alves. Drogas nas escolas: uma abordagem preventiva. Dissertação (Monografia) – Centro Universitário de Brasília - Faculdade de Ciências da Saúde Brasília, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/handle/123456789/2471>> Acesso em 15 mai. 2016

PAINI, Leonor Dias; CASTELETTO, Hugo Santana; FONSECA, Gustavo. Análise do uso de drogas nas escolas públicas: Como os amigos influenciam no contato e disseminação das drogas. **Avesso do Avesso** v. 8, n.8, p. 28 - 43, novembro 2010. Disponível em < http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v8_artigo02_analise.pdf> Acesso em 02 fev. 2016.

PIAI, Áurea de Gouveia; PRADO, Elizabeth Marques Andrade; RADIGONDA, Ilze; CALEFI, Josiane Marangoni; FRANCISCO, Julaine Guimarães Gonçalves; GUIZILINI, Maria Aparecida Penteadó, MAMPRIN, Maria Imaculada de Lourdes L.; MARTINS, Rita de Cássia Ciuffa. Drogas: O Ambiente Escolar E Seu Papel Preventivo. In: **XVI Semana da Educação e VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação**. 2015. ISBN: 978-85-7846-319-9 Disponível em < <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DROGAS%20%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20E%20SEU%20PAPEL%20PREVENTIVO.pdf>> Acesso em 04 fev. 2016

PINSKY, Ilana; JUNDI, Sami A. R. J. El. O impacto da publicidade de bebidas alcoólicas sobre o consumo entre jovens: revisão da literatura internacional. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 30, n. 4, p. 362-374, dez. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462008000400012&lng=en&nrm=iso> Acesso em 27 jul. 2016

PINTO, Denise da Silva Pinto; RIBEIRO, Sandra Aparecida. Variáveis relacionadas à iniciação do tabagismo entre estudantes do ensino médio de escola pública e particular na cidade de Belém – PA. **J Bras Pneumol**. 2007;33(5):558-564. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1806-37132007000500011&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 17 mar. 2016

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005> Acesso em 19 abr. 2016

QUEIROZ, Vinicius Eduardo. A questão das drogas ilícitas no Brasil. Dissertação (Monografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Ciências Econômicas, Florianópolis, 2008. Disponível em < <http://tcc.bu.ufsc.br/Economia292028>> Acesso em

RIBEIRO, Maria do Carmo Barbosa da Costa Monteiro; SANTOS, Ana Maria Xavier de Melo. **Drogas: a palavra é prevenção**. In: Congresso Nacional de Educação. v.8, 2008: Curitiba – Paraná. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: ISBN 978-85-7292-193-0. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/210_140.pdf> Acesso em 25 set. 2016

ROCHA, J. A. ; PEREIRA, R. V. ; HENRIQUES, C. . Imagem como ferramenta de eficiência cognitiva para o ensino de Ciências. In: EDUCASUL, 2011, Florianópolis. Educasul 2011 Professores em Ação: conhecimento e saberes em foco, 2011. Disponível em <http://www.educasul.com.br/2011/anais/formacao/Joyce%20Alves%20Rocha.pdf> Acesso em: 01.04.2015 - ISSN/ISBN: 22372822

ROCHA, Cláudio Pereira da. A Prevenção do Uso/Abuso de Drogas entre Crianças e Adolescentes no Ambiente Escolar. Dissertação (**Especialização**) - Universidade Estadual de Maringá, Curso de Pós-graduação em Formulação e Gestão de Políticas Públicas, Maringá, 2009. Disponível em <http://www.escoladegestao.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/educacao/a_prevencao_do_uso_abuso_de_drogas_entre_crianças_e_adolescentes_no_ambiente_escolar.pdf > Acesso em 22 abr 2016

RODRIGUES, Francine. Prevenção ao uso de álcool e outras drogas na adolescência. Monografia (**Dissertação**) - Faculdade de Medicina de Marília em Enfermagem em Psiquiatria e Saúde Mental, Programa de Aprimoramento Profissional/SES, Marília, 2010. Disponível em < <http://pesquisa.bvsalud.org/ses/resource/pt/ses-31092>> Acesso em 22 abr 2016

RODRIGUES, Eliane Borges; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Prevenção do uso de drogas no âmbito escolar: uma revisão sistemática. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 173-190, 2013. Disponível em <<http://sites.unifra.br/Portals/36/CHUMANAS/2013-2/06%20PREVEN%20E2%82%AC%20C3%87O%20DO%20USO%20DE%20DROGAS%20NO%20C2%B6MBITO%20ESCOLAR.pdf>> Acesso em 12 out. 2016

ROEHRS, Hellen; LENARDT, Maria Helena; MAFTUM, Mariluci Alves. Práticas culturais familiares e o uso de Drogas Psicoativas pelos adolescentes: Reflexão Teórica. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. 2008 jun; 12 (2): 353 - 7. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n2/v12n2a24.pdf>> Acesso em 17 jul 2016

ROSA, Maria José Araujo. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. Itabaiana: **GEPIADDE**, ano 4, v. 8, jul-dez 2010. Disponível em < <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1785>> Acesso em 17 jul. 2016

SANCEVERINO, Sérgio Luiz; ABREU, José Luiz Crivelatti de. Aspectos epidemiológicos do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no Município de Palhoça 2003. **Ciência & Saúde Coletiva**, 9(4):1047-1056, 2004. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400025> Acesso em 25 mai. 2016

SILVA, Jorge Luiz Barbosa da Silva. Visão Histórica e Contextualizada do Uso de Drogas. **Rev. Direcional Educador**. ed. 70. São Paulo. 2010. Disponível em <<http://www.direcionaleducador.com.br/drogas/modulo-i-%E2%80%93-visao-historica-e-contextualizada-do-uso-de-drogas>> Acesso em 24 mai. 2016

SILVA, Raimundo Pereira dos Santos. O Conselho Municipal Antidrogas de São Luís: a formação de professores para e a prevenção ao uso de drogas nas escolas. Monografia (**Especialização**) – Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização em Democracia Participativa, Republica e Movimentos Sociais - DPRMS, 2010. Disponível em <<http://secretariadegoverno.gov.br/.arquivos/monografias/Raimundo%20Pereira%20dos%20Santos%20Silva.pdf>> Acesso em 15 mar. 2016

SOUTO, Valquíria Toledo; TERRA, Marlene Gomes; SOCCOL, Keity Laís Siepman. A escola e sua inserção no enfrentamento às drogas. **XV Jornada Nacional da Educação – Educação: território de saberes**. 16.: 2012: Santa Maria, RS. Disponível em <<http://jne.unifra.br/artigos/4993.pdf>> Acesso em 09 fev 2016

TAVARES, Beatriz Franck; BERIA, Jorge Umberto; LIMA, Maurício Silva de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.35, n.2, p.150-158, abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 jan. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102001000200008>.

UNODC. Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Saiba mais sobre as drogas**. Disponível em <https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_drugs/Campanha-global-sobre-drogas/getthefacts11_PT_.pdf> Acesso em 03 jan. 2017

VARGAS, Jonas. O homem as drogas e a sociedade: um estudo sobre a (des) criminalização do porte de drogas para consumo pessoal. 31f. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2011_1/jonas_vargas.pdf> Acesso em 04 ago. 2016

VASTERS, Gabriela Pereira; PILLON, Sandra Cristina. O uso de drogas por adolescentes e suas percepções sobre adesão e abandono de tratamento especializado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 317-324, abr. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt_13.pdf> Acesso em 16 fev. 2016

VILLAS – BOAS, Valquíria., MIOTTO, Fernanda., MARTINS, José Arthur. **Novas metodologias para o Ensino Médio em Ciências, Matemática e Tecnologia**.(org). Brasília: Abenge,2011.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WAGNER, Marcia Fortes Wagner; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol.19, n.2, p.101 – 116, 2007.

ISSN 0103-5665. Disponível em <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200008> Acesso
em 23 set 2016